



UNIVERSIDADE
FEEVALE

UNIDADE ACADÊMICA
DE PÓS-GRADUAÇÃO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM PROCESSOS E
MANIFESTAÇÕES CULTURAIS

MARLUCI MEINHART

**EXISTÊNCIAS FRACASSADAS
ESCOLAS ESCAPANTES**

PISTAS PARA A PRODUÇÃO
DA VIDA QUEER

MARLUCI MEINHART

**EXISTÊNCIAS FRACASSADAS, ESCOLAS ESCAPANTES:
PISTAS PARA A PRODUÇÃO DA VIDA QUEER**

Dissertação de Mestrado apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Processos e Manifestações Culturais pela Universidade Feevale.

Orientadora: Profa Dra. Saraí Patrícia Schmidt

Novo Hamburgo

2023

Marluci Meinhart

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Meinhart, Marluci

Existências fracassadas, escolas escapantes: pistas para a produção da vida
Queer / Marluci Meinhart– 2023.

89 f. : il. ; 30 cm

Orientadora: Profa Dra. Saraí Patrícia Schmidt.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Feevale – Pós-graduação em Processos
e Manifestações Culturais, Novo Hamburgo, 2023.

1. Queer. 2. Escola. 3. Infâncias. 4. Educação. I. Schmidt, Saraí Patrícia, orient.
II Título.

CDU 37
CDD 372

Bibliotecária responsável
Lizete Flores da Silva CRB10/2724

EXISTÊNCIAS FRACASSADAS, ESCOLAS ESCAPANTES:
PISTAS PARA A PRODUÇÃO DA VIDA QUEER

Dissertação de Mestrado apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Processos e Manifestações Culturais pela Universidade Feevale.

Aprovada em Fevereiro de 2023

BANCA EXAMINADORA

Professora Dra. Saraí Patrícia Schmidt
Universidade Feevale - FEEVALE

Professora Dra. Lisiane Machado de Oliveira Menegotto
Universidade Feevale - FEEVALE

Professora Dra Cristiane Knijnik
Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS

Novo Hamburgo
2023

Ao Pedro, Pedrinho, seu Pedro, meu pai: por tudo, e principalmente, por nada.

AGRADECIMENTOS

À mim, às Malus, Jotas, Sofias, Amoras, Pauls, e todas as crianças queers, por terem sobrevivido para que contemos as nossas e por isso, outras histórias.

Ao meu Pai, Pedro, e à minha mãe, Clarise, por serem território do tornar-me.

À Mônica, que além de ser ela, também é minha irmã e tem um cromossomo a mais do que eu, por me ensinar tudo o que eu sei sobre alteridade.

À Paula, que nunca precisou ser minha para ser namorada, por subordinar-se comigo aos desejos, pela transgressão à normalidade dos afetos e por acreditar que amor e paz não combinam.

À minha tia Janete, pela introdução no mundo das palavras, e à minha tia Cristina, pela primeira mamadeira.

Ao meu dindo Ângelo, por me ensinar a dirigir e jogar futebol comigo.

Às minhas primas Justine e Júlia, pelas mullheres que nos tornamos juntas.

À Letícia, por sempre me garantir ser Malu. À Laísa, pela insubordinação constante. Ao Diogo, pelas intensas análises da vida e da morte.

À professora e orientadora Saraí, pela inspiração, maestria, e principalmente, por nunca ter aberto mão do mapeamento dos afetos.

Ao Grupo de Pesquisa Criança na Mídia, que me ensinou grupalidade, singularidade, ciência viva e afetada. Em especial à Caroline Willig, pelas veias abertas na américa latina, na menstruação, na pesquisa e na vida.

À Scheila, por nada. Mas também, e não menos importante, pelo saber clandestino.

Às professoras e doutoras Lisiane Menegotto e Cristiane Knijnik, pela imensa sensibilidade na leitura e nas considerações para esta escrita, que também é oriunda da inspiração que vocês provocam.

À EMEF Mosés Bezzi e à EEEM Santos Dumont, minhas duas escolas públicas do interior de Gramado, e em especial às suas bibliotecas, porque sem elas esta escrita não seria possível, e porque me orgulha e me enche de esperanças ser filha da escola pública.

Ao Humberto Gessinger, que jamais saberá dessa escrita e deste agradecimento, mas que por isso mesmo me interessa dizer: você salvou a minha vida, especialmente com Negro Amor, Refrão de Bolero e Piano Bar.

Às psicólogas e minhas professoras da graduação, em especial à Fernanda Hampe, minha querida orientadora e agora amiga, por que ali, e somente ali, eu entendi que era na academia em que eu me faria eu.

E por último, mas não desimportante, à Capes, por acreditar na importância e na necessidade de apostar e financiar a pesquisa queer.

RESUMO

Cada linha desta escrita é um tentativa fracassada de salvar uma vida. Fracassada porque essa escrita só existe porque eu fracassei. Tudo que faço então, é fracassado. Trata-se de uma escrita viva, afetiva, afetada e fracassada, que busca apontar e construir pistas para a produção da vida queer. O ponto crucial desta produção de vida se dá no território escolar, e por isto, a escrita descreve de que forma o minicurso intitulado “Gênero, Sexualidade e Saúde Mental no território escolar: é preciso salvar vidas!” serviu como ferramenta de afetamento para quem compartilhou deste acontecimento. Por meio do encontro das respostas dos formulários utilizados no minicurso com a vida e sua potência de viver e matar, busco um território de incerteza e provocação. Sem a pretensão devaniosa de resolver questões ou encontrar fórmulas ou receitas, a escrita divide-se em três artigos/capítulos/cartas/corpas pensades e desejades dialogando entre si. Cada artigo pode ser compreendido como um capítulo, um pedaço de corpo ou corpa, ou mesmo uma carta endereçada à quem quiser transgredir na escola pública para salvar vidas e obras queers. Por isso, esta escrita não é o mapa das brechas, porque o mapa necessariamente leva a lugares, e essa escrita pode não levar. Mas cada capítulo/artigo/carta/corpa pode ser uma parte que falta nesse mapa, e que faz com que alguém se movimente para encontrá-la. O primeiro artigo chama-se “Não me mataram: a experiência de si enquanto criação de vida”, e aponta caminhos para a importância do autonarrar-se. O segundo artigo chama-se “Identidades fracassadas: escolas escapantes” e entona uma importante discussão sobre o que é ou não, pedagógico. O terceiro e último artigo chama-se “Educação e desafios contemporâneos: instituições que matam e salvam” e propõe-se a redistribuir as violências institucionais para com as vidas queers. Por fim, encerro a escrita com uma carta endereçada às crianças queers deste país, as que foram, as que são e as que ainda serão, dando pistas de onde podemos provocar as rachaduras e retomar uma vida que talvez nunca nos tenha sido dada, e por isso, necessita ser criada. Considero este um trabalho queer, e por isso não conclui-se nada, que pode ser tudo. Especialmente para as pessoas queers.

Palavras-chave: Queer. Escola. Infâncias. Educação.

ABSTRACT

Every row of this writing is a failed attempt to save a life. It is failed because this writing only exists because I've failed and everything I do is a failure. This is an affective, affected and failed writing that is looking for some queer life production clues. The most important aspect of this production of life takes place in the school territory, so this writing describes how the "Gênero, Sexualidade e Saúde Mental no território escolar: é preciso salvar vidas!" short course was a tool for those who shared that experience. From the answers to the forms used in the short course, I look for a territory of uncertainties and provocations. Without the aim of solving questions or finding recipes, this writing is divided into three related parts/ chapters/ letters/ bodies. Each part can be understood as a chapter, a body's peace or a letter for those who want to save queer lives and works in public schools. Therefore, this writing is not a map of gaps, because the map necessarily leads to places, and this writing may not, even if each chapter may be a missing part of this map, and that makes someone move to find it. The first chapter is called "Não me mataram: a experiência de si enquanto criação de vida" and talks about the importance of self-narrative. The second chapter is called "Identidades fracassadas: escolas escapantes" and makes a discussion about what is or is not pedagogical. The third chapter is called "Educação e desafios contemporâneos: instituições que matam e salvam" and proposes the redistribution of institutional violence against queer lives. Finally, I finish writing a letter addressed to the queer children of this country, the ones that were, the ones that are and the ones that will still be, suggesting where we can make cracks and take back a life that perhaps was never given to us and even needs to be created. I consider this a queer work, and therefore nothing is concluded, which can also be everything, especially for queer people.

Keywords: Queer. School. Childhoods. Education.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Card de Divulgação Minicurso.....	18
Figura 2 - Formulário de Inscrição Minicurso.....	20
Figura 3 - Formulário de Respostas Minicurso.....	22

SUMÁRIO

RESUMO.....	7
ABSTRACT.....	8
LISTA DE FIGURAS.....	9
SUMÁRIO.....	10
1.INTRODUÇÃO.....	12
1.1 Vida e obra de uma criança fracassada.....	12
1.2 Esta escrita é viva.....	15
1.3 Corpos do trabalho.....	22
2. Não me mataram: a experiência de si enquanto criação de vida.....	26
<i>CARTA ABERTA À MINHA CRIANÇA QUEER.....</i>	<i>26</i>
2.1 Nas minhas veias escorre o sangue herói do fracasso.....	26
2.2 Encontros fracassados e vagalumes.....	29
2.3 Manifesto pela tristeza.....	33
2.4 Vida e Morte.....	37
2.5 Por fim, narro-me.....	41
3. Identidades fracassadas: escolas escapantes.....	45
3.1 Acolhimento e transgressão.....	45
3.2 Patologização das vidas queers.....	48
3.3 Escapar é pedagógico.....	52
3.4 Tornar-se na escola.....	56
4. Educação e desafios contemporâneos: instituições que matam e salvam.....	61
4.1 Precipitação das estruturas.....	61
4.2 Instituições que matam.....	63
4.3 Pode a educação salvar?.....	75
5. Considerações finais fracassadas.....	79
5.1 Carta Aberta às Crianças Queers.....	82
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	87

A vida é impossível, mas nós seremos para sempre os dissidentes furiosos dessa causa.

Roteiro da peça Sísifo, de Gregório Duvivier e Vinícius Calderoni.

1. INTRODUÇÃO

1.1 Vida e obra de uma criança fracassada

A força deste trabalho pode consistir justamente na impossibilidade de apresentar uma saída, solução, receita ou fórmula. Importante dizer isso assim, de imediato, porque ao contrário do que possa parecer, não tenho como pretensão apresentar um resultado que solucione a questão das crianças queers no Brasil, ou ainda, que direcione os caminhos para uma educação brasileira antidiscriminatória. E digo isso justamente por ter vivido a experiência de criança queer: não acredito que hajam saídas ou soluções, mas que pode-se sim, construir-se brechas e possíveis que redistribuam as dores e as violências. Essa incredulidade baseia-se no fato de que fórmulas sem sentido são apenas um amontoado de informações, e de que produzir a certeza pode parecer individualizar uma questão que é coletiva, social e política.

Pelo tom inicial, autorizo-me a dizer que este pode ser um trabalho triste e pessimista, mas entendo que não há como furtar-me do que é ser queer neste país: pessimismo e tristeza. Ainda que isto não signifique inércia e pulsão de morte, ou ainda que não seja possível a beleza e a produção de vida na tristeza. Exemplo disso é que este trabalho surge da experiência de uma criança queer triste que sobreviveu no país que mais mata a comunidade LGBTQIA+ no mundo.

Importante dizer que a expressão queer, que é uma espécie de termo guarda chuva dentro da comunidade LGBTQIA+, e abrange toda e qualquer pessoa que não considere-se enquadrada na norma cis-hetero, aqui também assume uma posição de alteridade, de modo que chamo de crianças queers, todas aquelas crianças que assim como eu, de alguma maneira não sentiram-se pertencentes ao mundo: ao modo como nos disseram que era o mundo, ao modo como ele nos foi apresentado, e precisaram desconfiar das leis da natureza, da biologia e de Deus, para sentirem-se pessoas.

O uso de uma linguagem inclusiva, com a letra “X” substituindo as insinuações de gênero, estará presente em todo este texto, em uma tentativa de decolonizar não somente modos de vida, mas também modos de escrita. E mesmo entendendo que este seja um desafio que vá muito além desta pesquisa, gosto de pensar que o pouco que faço aqui, é o muito de quem lê.

Dito isso, posso então arriscar-me a pronunciar que esta escrita é uma tentativa de redistribuição das dores e violências cotidianas, históricas, políticas, culturais, midiáticas, pedagógicas e multifacetadas de uma criança queer, e ainda, uma tentativa de tentar ser menos inadimplente nessa dívida história que enquanto adultos, profissionais, psicólogos, pais, mães e cidadãos, temos com todas as crianças que foram queers neste país, com as que estão sendo, e com que as que ainda serão.

Não há solução, receita ou tratamento que apague tais violências. Mas podem haver estratégias possíveis de divisão das dores, de ressignificação dos afetos, de novos e outros corpos, corpos e campos de cuidado e proteção, e de quem sabe, outras e novas formas de estar na escola e no mundo. Porque a escola também é o mundo. Portanto, este trabalho detem-se a reafirmar a necessidade de salvar o desejo, e quem sabe o mundo, de não capturar os devires e de apontar rotas de fuga para as tragédias anunciadas.

A tragédia anunciada da criança queer na escola pública brasileira apareceu-me nos primeiros anos do ensino fundamental e andou comigo até o início da graduação. Lembro de no sétimo ano pensar que Gabriel García Marquez poderia ter escrito *Crônicas de uma Morte Anunciada*¹ pensando em mim. Lamentavelmente, não fui somente eu que padei das estratégias de morte da educação, basta ver que hoje, 80%² das crianças transexuais no Brasil não frequentam a escola. Na cruel dúvida entre frequentar a escola e viver, prefere-se viver.

A morte anunciada sempre me pareceu uma certeza compulsória. Não questionava nem procurava outras possibilidades, pois nunca me foram apresentadas. A construção da repressão é tão completa e potente que acaba mesmo por conformar. As instituições trabalham tanto e tão organizadas que a gente acaba mesmo acreditando que nascemos do jeito errado. Mas a escola pública não é totalmente previsível, e dela sempre escapam brechas, assim como as flores que conseguem nascer até mesmo no asfalto. E foram essas brechas e flores que me apresentaram uma saída possível: conhecimento.

A imprevisibilidade da escola talvez também tenha sido justamente o que me fez seguir desejando, por que é aí que há espaço para o desejo, no que ainda não sabemos ou

¹ MÁRQUEZ, Gabriel García. *Crônica de uma morte anunciada*. Editora Record, 2019.

² Censo LGBT 2020.

controlamos. Enquanto haviam brechas para a produção de outras e nova práticas, era possível sobreviver: enquanto as meninas pudessem jogar futebol, mesmo que no meio dos meninos, era possível estar na escola. Mas e quando não pudessem mais? E todas as vezes que dividiam as bolas de vôlei e de futebol entre meninos e meninas? E quando, entre uma fila de meninos e uma de meninas nos passeios da escola, as meninas só podiam dar a mão aos meninos?

Foi a partir destas normativas impostas compulsoriamente pela necessidade da reprodução de determinados comportamentos, da dominação masculina, do papel exclusivamente reprodutivo das mulheres, da culpabilização de outros tipos de afetos que não aqueles autorizados pela grande e convincente mídia e massa heteronormativa, que comecei a questionar-me sobre quais outros modos de vida seriam possíveis para aqueles e aquelas que Deus não havia feito para serem felizes, para serem normais, para viverem em harmonia com os costumes e com tudo aquilo que diziam que era a vida das pessoas de bem.

Eu lembro de algumas noites antes de dormir, rezar para que Deus pudesse, ao menos uma vez na vida, me dar a chance de sentir o que era amar alguém e ser amada de volta, mesmo que clandestinamente, eu queria sentir a possibilidade de um amor honesto, ao menos uma vez na vida. Penso que daí surgiu a minha necessidade de fantasiar para seguir sobrevivendo.

Foram livros, poesias, histórias, outros países, outras realidades, outros amores e principalmente, a certeza de que existia, fora da cidade, longe de mim, mas em algum lugar do mundo, alguém que fosse capaz de descrever em algumas linhas o que era ser diferente em um lugar onde os diferentes são o joio, que deve ser separado do trigo - a diretora da escola em que eu cursei todo o ensino fundamental, disse-me esta frase na vez em que pedi para sair da escola, referindo-se aos meninos do fundão. Ela completou dizendo que eu era uma ótima aluna porque tinha ótimas notas, e que por isso, eu precisava saber separar o joio do trigo. Mal sabia ela que as minhas tentativas de sair da escola nada tinham a ver com os meninos do fundão.

A música também é parte daquilo que salva: ela coloca em ritmo tudo que já foi lido nos livros da biblioteca. Conhecer outras formas de sentir me foi fundamental para seguir aguentando, esperando e acreditando que um dia eu pudesse ser e estar sendo e

estando no hoje. “Estudar é fugir. É estudar para fugir, para habitar o desterro, a catástrofe e os outros mundos possíveis que se precipitam ao fim deste” (MOMBAÇA, 2021, p. 109).

O conhecimento é libertador. E não aprendi isso dentro da sala de aula, porque lá estavam mais preocupados em ensinar-me sobre disciplina, obediência, esforço e tradições. Aprendi que o conhecimento era libertador numa das brechas e flores da escola pública mais potentes e produtoras da vida: a biblioteca. Eu não gostava dos livros didáticos, não tinha vontade de ler, mas os livros da biblioteca eu devorava e nunca pagava a multa que meus colegas pagavam por não devolver na data correta. Eu sempre devolvia na semana seguinte, para poder pegar outros.

E embora bell hooks³ (2017, p. 23) diga que “a sala de aula continua sendo o espaço que oferece as possibilidades mais radicais na academia”, eu ousaria acrescentar que, enquanto a sala de aula oferece as possibilidades mais radicais, os professores e as bibliotecas podem oferecer as possibilidades mais insurgentes e libertadoras: acolhimento, transgressão e produção de um conhecimento que não disciplina, mas liberta.

1.2 Esta escrita é viva

Desejo que esta escrita seja como a biblioteca da escola pública: não apresente uma solução, mas a inspiração. Inspiração para novas práticas pedagógicas, para novas crianças, para novas vidas, para novas formas de existir. A escrita é sobre o minicurso “Gênero, Sexualidade e Saúde Mental na Escola: é preciso salvar vidas!”. A premissa deste minicurso, como já mencionei, vem de uma criança queer: menina que jogava futebol, sentia afetos e desejos estranhos e achava que por isso, não viveria muito tempo. Não por acaso, o título menciona salvar vidas.

Obviamente o minicurso não surge diretamente do ensino fundamental para chegar no Programa de Pós Graduação em Processos e Manifestações Culturais, no Grupo de Pesquisa Criança na Mídia, na professora Saraí e finalmente nas diretoras das escolas públicas de Novo Hamburgo. Antes disso, ele passa pela graduação em Psicologia, pela Residência em Saúde Mental e por todos os vagalumes e vagalumas que dentro deste

³ Importante lembrar que bell hooks faz questão de ser citada com nome e sobrenome em letras minúsculas, buscando justamente romper com as normas acadêmicas e linguísticas tão arraigadas no capitalismo.

círculo enorme em que vivemos e se chama mundo, permitiram-se encontrarem e afetarem-se por mim e comigo. Ele passa pela criança queer, pela mulher lésbica, branca, psicóloga, pesquisadora, mestranda e aspirante a professora. Porque sou o que sou pelo que fui, mas também pelo que ainda quero ser.

E quero tornar-me alguém que salva as crianças queers da repressão da escola. Por este desejo, quero tornar-me professora universitária: porque foi somente na Universidade e com os encontros dela que eu me tornei Malu, que eu me salvei. Pode parecer utopia e envaidecimento desejar salvar vidas pelo conhecimento, mas parece-me demasiadamente confortável não tentar salvá-las por duvidar disso.

Volto a enfatizar que a criação e execução deste minicurso não é uma forma a ser aplicada em todas as escolas públicas do Brasil - embora eu até desejasse que fosse - mas o minicurso é, em suma, uma tentativa de AFETAR, por meio do meu afeto, as equipes pedagógicas que estão todos os dias afetando e sendo afetadas pelas crianças queers na escola. E justamente por não existir uma equação matemática que dê conta de solucionar o problema, é que eu aposto na tentativa: é nela que se produzem os afetos, as brechas, as redes de apoio, as parcerias e a produção da própria vida.

Produzir produção de vida é redundante, mas não óbvio no contexto em que vivemos e para as crianças das quais falo. Por isso não me preocupo em ser redundante quando digo da necessidade do salvamento, e aposto na potência do título deste minicurso como algo necessário e real: é preciso salvar as vidas das crianças queers!

Além de não oferecer fórmulas, a força deste trabalho também pode consistir justamente na mais potente forma de transformação: o afeto. Pois é por meio dele que se constrói a ética cartográfica, e é por meio desta ética que pretendo que esta escrita flutue, entre afeto, experiência, conhecimento e construção das pistas que mapeiam um caminho insurgente na direção de um devir vagalume.

Portanto, esta escrita segue um devir vagalume que se guia pelos afetamentos trazidos pela minha história enquanto criança queer, mulher lésbica e branca, e também pelos afetamentos colhidos por meio das respostas nos formulários que foram enviados por email e respondidos após cada encontro do minicurso “Gênero, sexualidade e saúde mental na escola: é preciso salvar vidas!”.

O minicurso constituiu-se por três encontros, e cada um deles abordou uma temática diferente e necessária para a reflexão e ressignificação da forma como gênero e sexualidade estão imbricados e diretamente ligados à forma como crianças e adolescentes não só frequentam ou não a escola, mas também aprendem ou deixam de aprender. Gênero e sexualidade estão diretamente ligados na maneira como crianças e adolescentes queers percebem ou não, no território escolar, uma biblioteca que inspira, liberta e deixa ser.

A figura a seguir, demonstra a organização do minicurso, seus objetivos e os temas trabalhados a cada encontro, buscando encontrar os caminhos e afetamentos possíveis para salvar vida no território escolar, com a parceria das equipes pedagógicas, e a aposta no afetamento de todes que inscreveram-se para os encontros:

Figura 1

GÊNERO, SEXUALIDADE E SAÚDE MENTAL NA ESCOLA: É PRECISO SALVAR VIDAS!

Marlucci Meinhart
Mulher lésbica, Psicóloga, Especialista em Saúde Mental e Mestranda em Processos e Manifestações Culturais

Pensar saúde mental na escola, acolhendo alunes e discentes, de modo a compreender que gênero e sexualidade são aspectos fundamentais na constituição das identidades e das subjetividades de crianças e adolescentes, exaltando a importância da escuta e do acolhimento nestes processos afetivos e identificatórios. Além disso, objetiva-se promover um espaço potente de reflexão sobre violência psicológica, bullying, e outras formas de opressão que afetam diretamente a saúde mental, orientando para manejos possíveis. É preciso atentar para os sinais e mais do que prevenir, precisamos promover a saúde mental dentro da escola para salvar vidas!

Público Alvo:
Coordenação EMEI e EMEF e Orientação
Dias: 07/10, 28/10 e 18/11 (quintas-feiras)
Horário: Das 09h30min às 11h30min (2h de duração)
Encontros Virtuais
Inscrição via formulário

07/10
SER OU NÃO SER?
OS IMPACTOS DE GÊNERO, SEXUALIDADE E SAÚDE MENTAL NA CONSTITUIÇÃO DAS IDENTIDADES
Abordar a heteronorma como construção histórica, pensando a constituição da identidade na infância e adolescência pelo viés da psicanálise e da psicologia social, bem como a importância do acolhimento e da escuta neste processo.

28/10
ESCOLA COMO TERRITÓRIO DE CUIDADO
Pensar o papel das instituições como educação, família e mídia no amparo e acolhimento à crianças e adolescentes LGBTQIA+, atentando para o papel da escola e para ações possíveis dentro dela, pensando-a como fundamental para promoção da vida.

18/11
ACOLHER PARA SALVAR
Como identificar casos de violência psicológica na escola, e a partir da demanda, pensar manejos possíveis não somente dentro da escola, mas também na Rede de Atenção Psicossocial do município.

UNIVERSIDADE FEEVALE EDUCAÇÃO
PREFEITURA NOVO HAMBURGO
CRIANÇA NA MÍDIA

Fonte: Elaborada pela autora (2022)

Vale lembrar que este minicurso integra o Convênio Educação Antidiscriminatória, que é também, resultado da luta dos e das que não se conformam. Hannah Arendt (1973) disse que a necessidade do terror nasce do medo de que, com o nascimento de um novo ser humano, sua voz erga-se e faça-se ouvir no mundo. O Convênio “Feevale e Secretaria

Municipal de Educação (SMED) na construção de uma Educação Antidiscriminatória em Novo Hamburgo” vem no sentido de fazer com que outras e novas vozes sejam ouvidas no mundo.

O Convênio foi firmado em 2021, no contexto da pandemia, pela Universidade Feevale e a Prefeitura Municipal de Novo Hamburgo, representados respectivamente pelo Grupo de Pesquisa Criança na Mídia: Núcleo de Estudos em Comunicação, Educação e Cultura e Secretaria Municipal de Educação de Novo Hamburgo (SMED), tendo como público alvo as 89 escolas públicas da rede municipal de ensino de Novo Hamburgo, sendo este público xs professorxs e as equipes diretivas das 37 Escolas Municipais de Educação Infantil e das 52 Escolas Municipais de Ensino Fundamental.

Assim, este trabalho é uma fusão entre afetamentos de quem foi criança queer, e das equipes pedagógicas que hoje salvam e/ou matam crianças queers. Como o meu afeto afetou e afeta diretoras, professoras, educadoras, equipes, ensino, aprendizagem e produz vida na escola? Muito além de um minicurso de ideias, foi um minicurso de afetos. Afetos que em curso, cruzaram-se, e buscaram encontrar vagalumes para sua reprodução.

Se perguntassem-me o que hoje eu diria para uma menina que está se descobrindo lésbica ou queer, eu certamente diria: estude. Estude, porque o conhecimento afeta de forma irreversível os corpos e as corpas. E não há força capaz de prender um corpo afetado. E se perguntassem-me o que eu diria para um professora, diretora, educadora que está recebendo agora na escola uma menina lésbica ou queer, eu certamente diria: afete-se.

A propósito, o afetamento foi um dos pilares para a participação neste minicurso. Quem participou, não participou por obrigatoriedade ou coincidência, mas sim, por algum tipo de devir afetamento que, ao anunciado o minicurso, suspendeu as resistências e evidenciou o desejo de, de alguma forma, apostar na potência da escola pública enquanto muito mais do que transmissora da ciência. Somente participaram dos encontros sujeitos das equipes pedagógicas que desejaram e apostaram, preenchendo um formulário de inscrição simples, mas ao mesmo tempo audacioso: o que esperar de um minicurso como este, pode dizer muito do que espera-se da escola, das infâncias, das vidas.

Figura 2

GÊNERO, SEXUALIDADE E SAÚDE MENTAL NA ESCOLA: É PRECISO SALVAR VIDAS!
Público Alvo: Coordenações EMEIs e EMEFs
Início: 30/09
Horário: 09:30 às 11:30
Nome:
Email:
Escola:
O que você espera do curso?

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Para colocar em prática e em escrita a intersecção dos meus marcadores sociais da diferença enquanto uma mulher lésbica, branca e universitária, com os afetamentos das professoras e professores que participaram do minicurso, o caminho metodológico que permeia esta escrita também é interseccional. E neste sentido, trago Carla Akotirene (2019), mulher também lésbica, mas negra, e que define a interseccionalidade como um instrumento teórico metodológico que instrumentaliza a inseparabilidade estrutural do racismo, do capitalismo e do cisheteropatriarcado⁴.

Este percurso metodológico interseccional caminha em dois sentidos, que embora diferentes, buscam não distanciarem-se, andando paralelamente, cruzando-se com frequência nas esquinas democráticas da produção do conhecimento, e amparando-se um ao outro durante toda a escrita, página por página: a cartografia, para mapear afetamentos e intersecções, buscando e produzindo novos e outros caminhos, e análise de conteúdo, que por meio das respostas dos professores e professoras aos formulários disponibilizados após cada encontro do minicurso, buscaram encontrar-se com a ética cartográfica e com

⁴ Sistema sociopolítico no qual a heterossexualidade masculina cisgênero tem supremacia sobre as demais formas de identidade de gênero e sobre as outras orientações sexuais.

todos os afetamentos e intersecções que ela traz, sempre procurando também, uma ponte para a produção de novos caminhos, possibilidades, devires e vagalumes no território escolar e em tudo aquilo que se produz por ele.

Rolnik (1993, p. 243) diz que “vamos nos criando, engendrados por pontos de vista que não são nossos enquanto sujeitos, mas das marcas, daquilo em nós que se produz nas incessantes conexões que vamos fazendo”. A ética cartográfica encontra a análise de conteúdo no momento em que juntas, elas podem ser uma ética da vida. E reafirmo que não acredito ser possível encontrar fórmulas ou respostas, mas justamente, apostar na sutileza das perguntas que provocam o deslocamento.

Acompanhar os múltiplos processos deste minicurso, tentando compreender quais são os movimentos desejantes que se evidenciam neste campo, quais os jogos de forças que estão ali colocados, e quais os afetamentos que produzem-se a partir do meu afeto, é a minha ética/estética nesta pesquisa, e também o percurso metodológico que trilharei.

A figura abaixo demonstra o formulário aplicado no primeiro encontro, que foi replicado ao final de todos os encontros, que foram três ao total:

Figura 3

Minicurso
Gênero, Sexualidade e Saúde Mental na Escola: precisamos salvar vidas

Encontro 1 - 07/10 - 09:30

Ser ou não ser?
Os impactos de gênero, sexualidade e saúde mental na constituição das identidades

O primeiro encontro atendeu as suas expectativas?

Sim Não Em partes

Você considera que os temas abordados serão importantes para o trabalho na sua escola?

Sim Não Em partes

Você considera que os temas abordados serão importantes para o acolhimento em saúde mental na sua escola?

Sim Não Em partes

Faça um breve comentário sobre as discussões do primeiro encontro (300 caracteres)

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Nos comentários de cada formulário, a ruptura com a aniquilação provocada pelo silenciamento cotidiano, pela falta de tempo e pela necessidade da replicação da disciplina. A cada “Em partes”, a possibilidade de dizer mais, ouvir mais, conhecer mais, estar mais próxima às equipes que estão diariamente na linha tênue entre a função e a transgressão. A cada “Não”, a urgência do olho no olho. E a cada “Sim”, o desejo do abraço cúmplice vagalume. Os formulários jamais foram repostas, mas sim, a continuação das perguntas e as setas para a construção de rotas.

Minha experiência é da esfera micropolítica, mas o trauma e o sofrimento estão nas duas esferas: micro e macropolíticas. E entendo que não há como revolucionar o macro, sem afetar o micro. É disto que se trata esta escrita: uma ação que espelha-se no micro e mira no macro, sem receitas ou fórmulas, mas uma aposta na possibilidade de

composição de afeto, insurreição, produção de vida e um bocado de esperança para o que ainda está por vir na educação deste país.

É nesta mesma esperança que esta escrita dialoga teoricamente sobretudo com autores e autoras queers, que de alguma maneira entendem-se fora das engrenagens e das linhas de montagens heteronormativas, acreditando que a legitimidade teórica e que a produção de um conhecimento libertário passa, obrigatoriamente, pela afirmação das vidas e obras queers. Mais do que escrituras, a produção destes autores e autoras são manifestos de sobrevivência, que em uma escrita como esta, insurgem, pois estão em um lugar que não nos foi planejado: uma dissertação de mestrado, na Universidade. Autores e autoras queers, escritas queers, produção de conhecimento, subjetividade e vidas queers.

Jota Mombaça (2021, p. 14) diz que “onde todas as partes estão fechadas, por isso mesmo somos levadas a conhecer o mapa das brechas”, e posso não apresentar aqui um mapa de brechas, porque não sei se posso tanto, mas posso ecoar as vozes de Mombaça, hooks, Akotirene, Halberstam, e tantos outrxs, para tentar construí-lo. Por que a nós, comunidade LGBQIA+ nunca foi dada a saída, mas sempre a necessidade mortífera de lutar para construí-la.

1.3 Corpas do trabalho

Este trabalho foi organizado a partir de três artigos/capítulos/cartas/corpas pensades e desejades dialogando entre si, a partir dos apontamentos e dos afetamentos da escrita do relatório de qualificação e da banca. Cada artigo pode ser compreendido como um capítulo, um pedaço de corpo ou corpa, ou mesmo uma carta endereçada à quem quiser transgredir na escola pública para salvar vidas e obras queers. Tais partes do texto complementam-se e distanciam-se na medida em que escrever sobre e para desenquadrads, é também desenquadrar. Por isso, não esperem desta escrita o mapa das brechas, porque o mapa necessariamente leva a lugares, e essa escrita pode não levar. Mas cada capítulo/artigo/carta/corpa pode ser, talvez, uma parte que falta nesse mapa, e que faz com que alguém se movimente para encontrá-la.

E reitero aqui a necessidade da interseccionalidade como uma ferramenta teórica e um percurso metodológico, que incapacita e impossibilita a separabilidade de corpo, mente, escrita, corpa, trabalhos, percursos metodológicos e capítulos. E enquanto mulher

lésbica, branca que sou, busco na interseccionalidade de Carla Akotirene, que é mulher lésbica e preta, a inspiração para rejeitar os saberes colonizados e colonizantes, na tentativa de, por meio da vivência, do afeto, da palavra e dos afetos de quem está na escola, produzir brechas para sermos adultos e adultizados que vejamos na escola a única possibilidade de escapar da reta concreta e adentrar nas curvas possíveis das esquinas democráticas.

Teoria, metodologia e instrumento prático, a interseccionalidade revela o ciclo lunar da militância encabeçada pelas intelectuais negras, numa diversidade de marés na história do feminismo, rejeita a brancura das ondas feministas, que não passaram experiências da colonização e nem sequer compuseram o projeto intelectual emocionado, manifesto de força teórica negra, sem estar presa às correntes eurocênicas e saberes narcísicos. (AKOTIRENE, 2019, p. 22)

Como um corpo que ao final necessita estar em pé para seguir vivo, cada parte da escrita será uma parte deste corpo, e escolho começar, no artigo/capítulo/carta um, por aquilo que mantém alguém firme: o tronco. Entitulada “*Não me mataram: a experiência de si enquanto criação de vida*”, esta corpa é o que articula e ao mesmo tempo, movimenta todas as outras partes do trabalho e da corpa, por meio da experiência e do afeto. Esta parte sou eu: é a minha experiência enquanto criança, queer e branca na escola pública, que se transforma na mulher lésbica, antirracista e feminista na academia, na Psicologia e no mundo, que é o conjunto de tudo isso. É da minha vivência e das interseccções dela que insurgem a transgressão na educação e o desejo de salvar vidas e de construir um outro devir mundo.

O segundo artigo/capítulo/carta eu chamo de perna desta escrita, pois mesmo sendo apenas uma, ela consegue fazer a escrita andar, ela caminha e mostra direções, ela sinaliza e dá impulso. Chama-se: “*Identidades fracassadas: escolas escapantes*” e traz à tona a potência e ao mesmo tempo, o perigo, de ter na escola um território de formação e afirmação das identidades. Pensar o espaço da escola pública como essencial para a constituição de identidades fracassadas e reinventadas, livres e plurais, é o que este pedaço pretende. A perna que desacomoda, mas que também segura o tronco-eu para que não toque o chão, que para nós, queers, tende a ser mais distante.

Já a terceira parte do corpo - que por ser um corpo queer, também tem partes e articulações desenquadradas - é a cabeça, a razão, o cérebro: precisamos também ser

racionais na luta para que não nos matem. Entitulado “*Educação e Desafios contemporâneos: instituições que matam e salvam*”, coloca em jogo a espécie de competição fajuta e desonesta com as instituições que atravessam e subjetivam as identidades, sexualidades e afetividades, colonizando e capitalizando as formas de ser e relacionar-se, de estar no mundo.

A parte que escrevo agora e introduz a escrita/corpo também está nesta corpa como um órgão vital: ela é o coração. Porque é daqui que pulsa e jorra o sangue que circula em todo o trabalho/corpo: é da minha experiência afetamento que surge cada artigo/capítulo, é do meu fracasso que insurgem possibilidades de regeneração e reinvenção destes órgãos: o coração administra e possibilita a sobrevivência de tudo aquilo que o rodeia. É do coração da minha criança queer que nasce a urgência de dar a mão a outras crianças para que elas também construam seus corpos e corpas a partir da possibilidade da multiplicidade deles.

A introdução que traz pistas e obras de uma criança fracassada é o que possibilita a existência de todas as outras partes do corpo, de todos os outros capítulos, porque é a partir dela que só o afetamento por meio da experiência é capaz de romper com as lógicas que buscam nos aniquilar.

E depois de tudo isso, eu concludo, porque há de ter alguma maneira de concluir um corpo que não se enquadra. E se não houver uma forma de concluir, pelo menos há de ter a escrita e a música para que ele siga acreditando na possibilidade da sua existência digna e íntegra, que potencialize as alteridades.

Mesmo que a conclusão não seja uma resolução ou a fórmula final que resolve tudo com um final feliz, ela é uma parte importante desta corpa, pois traz o alento necessário a quem precisa seguir esperando, e ao mesmo tempo, um convite a fazer mais. Seremos nós aqueles e aquelas que farão da escola pública no Brasil uma esfera de sobrevivência e de produção das crianças queers?

Eu não desejo que essa escrita seja semelhante a um corpo esquarterado, e muitas vezes questionei-me sobre as partes desta corpa necessitarem de ligação, pois não há sentido se não for assim. Porém, dei-me conta que nossos corpos queers sempre foram esquarterados, e que precisamos encontrar ligações em outros corpos, não apenas nos nossos, que morrem com frequência. E logo entendi que há no esquarteramento a prova

de que a integridade só se dá a partir de muitas instâncias que juntas, formam os corpos de quem está aqui, mas também o corpo de Marieles, Natachas, Dandaras.

Depois de ser esquartejado, um corpo jamais retorna a seu estado íntegro, de modo que o nosso corpo - esquartejado intergeracionalmente - é testemunha do fato de que a integridade se constitui na aliança. Que nossos corpos partidos encontram extensão e órgão uns nos outros e nas coisas - nas flores, na terra. (MOMBAÇA, 2021, p. 21)

Quem sabe nossos corpos e corpas também possam encontrar extensão e sentido nas escritas, na academia, nas bibliotecas, nas escolas?

Artigo Capítulo Corpo/Carta 1

2. Não me mataram: a experiência de si enquanto criação de vida

CARTA ABERTA À MINHA CRIANÇA QUEER

2.1 Nas minhas veias escorre o sangue herói do fracasso

Há quem diga que nasci fracassada. Há quem diga que fui destinada ao fracasso. Há quem diga que optei por fracassar. Há quem diga que Deus quis que eu fracassasse para castigar a minha família. Há quem diga que é este fracasso que vai me levar à salvação. Pois eu? Eu acredito que é preciso fracassar com sucesso, e se eu pudesse ensinar sobre algo a alguém, gostaria de ensinar sobre a importância do fracasso.

Não acredito que há no fracasso a fórmula para o sucesso, pois não acredito em nenhuma fórmula pronta. Mas acredito sim, que há no sucesso, uma boa dose de fracasso, especialmente quando se entende o sucesso como algo que se dá no percurso, na trilha, nas veredas, e não na chegada. E neste sentido, percorrer aqui os trilhos do fracasso é importante, uma vez que busca apontar caminhos para que outras crianças queers possam fracassar com tranquilidade e segurança.

A heteronormatividade do sucesso sempre esteve intimamente relacionada à maneira como as relações teciam-se e determinavam aqueles e aquelas que seriam bem sucedidos na escola e posteriormente, no mercado de trabalho. Fracassar já na infância enquanto criança que não correspondeu às normativas da feminilidade foi importante para que insurgissem as possibilidades, mesmo que pequenas, de uma vida não cafetinada e enquadrada.

Eu cresci destinada a fracassar, fracassar espetacularmente, como um projeto de vida que vê no fracasso a única possibilidade de sobrevivência. Mas não romantizemos: fracassar dói, desespera, machuca, e algumas vezes pode até matar. E muitas das crianças para as quais quero escrever e salvar, não tiveram seu direito ao fracasso garantido, por isso, a importância do sucesso no fracasso. Se talvez a minha criança não tivesse visto em seu fracasso o rio da vida injetando sua água em outras e novas vertentes, não teria sido possível ver o sol no poente das tardes das águas que são democráticas, e que não têm controle.

E ainda que, indubitavelmente, o fracasso venha acompanhado de uma horda de emoções negativas, tais como decepção, desilusão e desespero,

ele também proporciona a oportunidade de usar essas emoções negativas para espetar e fazer furos. (HALBERSTAM, 2020, p. 21)

São os furos do fracasso que possibilitam a reinvenção da vida e que retiram da heteronormatividade o título de única forma de viver as afetividades e sexualidades. Mas por que uma criança queer, branca e do interior, mesmo depois de estabilizar-se no seu próprio fracasso enquanto adulta, encontrar um lugar no mundo, na Universidade, na família, nos relacionamentos e no trabalho, ainda insiste em continuar olhando para as crianças queers que precisam do fracasso para salvarem-se? É possível que o meu afeto afete alguém, e ainda existem muitas das minhas crianças nas escolas públicas que necessitam do fracasso para salvarem-se.

É evidente que o fracasso está mais presente na vida das mulheres, das meninas. Possivelmente, porque foram elas as traçadas com o fio condutor dos marcadores da diferença interseccionados, para fracassar várias e várias vezes. Ser mulher é ser fracasso, ser mulher e lésbica é fracassar duas vezes, ser mulher lésbica e negra é fracassar triplamente, ser mulher lésbica negra e transexual é fracassar quatro vezes. Não por acaso, os marcadores que me interseccionam e interseccionaram sempre, traçam vivências diferentes a partir dos acontecimentos e afetamentos de uma vida, que subjetivam a partir das suas marcas.

O maior recurso colonial da eurocivilização consiste em priorizar o corpo, ignorar ferimentos que tendem a complexificar rapidamente, enquanto diagnosticam, às pressas, o problema negro, das lésbicas, de gênero, dos latino-americanos. (AKOTIRENE, 2019, p. 21)

Então são as mulheres e muitas ainda meninas, todas fracassadas, que levam nas costas o fardo de salvar o sucesso dos homens brancos e heterossexuais.

Se a mulheridade depender de padrões heterossexuais, então lésbicas não são “mulheres”, e se lésbicas não são “mulheres”, elas então ficam fora das normas patriarcais e podem recriar um pouco do sentido que há no gênero delas.” (HALBERSTAM, 2020, p.23)

Era 04/09/2022 quando recebi de uma amiga uma mensagem com um link de uma matéria em que, Heloísa Bolsonaro⁵, esposa de Eduardo Bolsonaro, um dos filhos do agora ex presidente da República Federativa do Brasil, psicóloga e coach de vida,

⁵ Heloísa Bolsonaro é Psicóloga, formada pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos, e colou grau na mesma cerimônia de formatura que a autora que vos escreve.

proferiu⁶ em um evento intitulado “Mulheres Pela Pátria e Pela Família”, no período eleitoral, que *“não se engane, nenhuma mulher é insubmissa, independente e livre”* e completou dizendo que o feminismo desvaloriza o lar, a família e a figura masculina: *“precisamos de um homem com testosterona, um homem masculino”*, fiquei embasbacada e indignada, mas acima de tudo, necessitada de produzir um pouco mais sobre a necessidade do fracasso.

Heloísa Bolsonaro não fracassou, ela teve sucesso na vida, na família, no mercado de trabalho. É uma mulher jovem, mãe, casada com o filho do presidente da República, que mesmo formada em Psicologia, trabalha sendo coach e ensinando outras pessoas a terem sucesso em suas vidas anti-fracasso. Possivelmente, o que Heloísa não tenha se dado conta, por não conter em seus marcadores as marcas da diferença, é que seu anti-fracasso é assassino.

Fico tranquila por ter avisado no início desta escrita que a mesma seria um pouco pessimista, pois não entendo que uma ode ao fracasso seja a mais bonita forma de entender o mundo. Mas a verdade é que para, nós, queers, o fracasso torna-se como um modo de vida, uma alteridade. Não temer o fracasso e não propagar o sucesso não significa contudo, uma posição niilista, ou de morte, e é aí, e muitas vezes somente aí, neste ponto de torção que pode ser fracassar para salvar-se, que nos amparamos para seguir enveredando com esperança pelos muros da escola, pelxs professorxs, salas de aula, bibliotecas.

Quase nada é irreversível, mas os encontros são. E se pudesse dizer algo à minha criança queer de 1998, eu diria que encontrá-la foi fracassar irreversivelmente. Encontrá-la foi entender que não podemos seguir ensinando e aprendendo em uma escola que não valoriza os nossos fracassos diários. Porque fracassar enquanto eu, fez-me precisar ser a melhor aluna da classe, com as melhores notas, para poder compensar em alguma coisa. “A sensação de que devo algo é tão recorrente, ainda que isso já não me impeça de dizer a eles - de novo eles, sempre eles - que não devo” (MOMBAÇA, p. 30, 2021).

6

<https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2022/09/04/nao-ha-mulher-insubmissa-e-livre-diz-heloisa-a-bolsonaro-em-evento-no-rs.html>

E pasmem, as vezes ainda é assim: eu preciso provar que não é por que eu sou lésbica que eu não posso ser uma pesquisadora de sucesso, uma psicóloga respeitada, uma namorada apaixonada ou, algum dia, uma mãe interessante - e aqui, faz-se a importante ressalva de que todas as mulheres e mães também necessitam fracassar e que a idealização de uma maternidade compulsória e correta também aniquila muitos desejos e vidas, mas isso é para outra dissertação.

Lembro que na semana Farroupilha, na escola em que estudei, no ensino fundamental, precisávamos cantar todos os dias a música “Querência Amada”⁷, uma canção gaúcha tradicionalista. Não sei se por já me orientar enquanto fracassada, por ato falho, ou simplesmente uma traição gostosa do ouvido, eu sempre ouvi e cantei a seguinte frase: *“nas minhas veias escorre o sangue herói do fracasso”* - a letra original para quem pode não conhecer, diz o seguinte: *“nas minhas veias escorre o sangue herói dos farrapos”*.

Cantei. Cantamos. E cantaremos. E como anuncia Mombaça (2021), nós viemos para cantar à revelia porque “menos com menos dá mais, e portanto, nossas vidas negativadas se somam e se multiplicam à revelia” (MOMBAÇA, p. 8, 2021). E ainda que o fracasso necessite ser primeiro em um plano singular, ele pode ser ainda mais revolucionário quando podemos fracassar com alguém, apoiadxs em alguém, por alguém. E nesse sentido, é necessário que somemos os nossos fracassos à revelia para que não acabem com eles. Porque não se pode esquecer: a vida é micropolítica, mas pra que se salvem todxs, o macro também precisa andar.

2.2 Encontros fracassados e vagalumes

Creio que já apareceram por aqui a importância dos vagalumes, e da sobrevivência delxs. Não somente por terem sua luz própria e a produzirem com autonomia e despojamento, mas também porque andam em bando. Nunca se vê um vagalume sozinho, eles sempre estarão juntxs, porque sabem que na noite escura, a luz precisa ser mais forte.

Gosto de chamar os encontros que enfrentam comigo o breu da noite, de encontros fracassados, e de encontros vagalumes, tanto porque não se deixam sozinhos, mas principalmente, porque, contra todas as lanternas dos celulares, postes de luz, luzes de led, faróis e piscas-piscas, eles insistem em apostar, para a sua própria sobrevivência e para a

⁷ Canção tradicional gaúcha composta por Teixerinha, gravada e regravaada por muitas bandas no Rio Grande do Sul.

sobrevivência dos que andam consigo, na luz que vem do seu próprio fogo, da sua próprio combustão, de si mesmxs, da potência que é queimar-se em si e por si.

Queimar-se pela sua própria existência é algo que só torna-se possível para quem é queer: inevitavelmente fracassado. Não consigo pensar em outra forma de machucar-se com a própria existência que não seja as nossas existências. Acontece que aí, na queima da nossa existência fracassada, e no fogo que fazemos de nosso fracasso, de nossas dores, de nossas lástimas, de nossos não enquadramentos e transgressões, é que podemos chegar a um sentido para não morrer: queimar à revelia, em grupo, no coletivo, nas noites em que as luzes de led já não são capazes de clarear a clausura.

“Fogos enfraquecidos ou almas errantes. Não nos espantemos de que o vôo incerto dos vaga-lumes, à noite, faça suspeitar de algo como uma reunião de espectros em miniatura, seres bizarros com mais, ou menos, boas intenções” (DIDI-HUBERMAN, 2011, p. 14). Gosto da ideia de que os vagalumes só sobrevivem quando estão no fogo, em chamas, porque acredito que a potência do fracasso queer se afirma aí: estamos sempre pegando fogo.

Penso que os meus encontros, desde a tenra infância, ensino fundamental, até a graduação, pós graduação, mestrado, relacionamentos, família, amigos, sempre foram encontros que necessitaram do fracasso para efetivamente, acontecerem. Naquele sentido de que o encontro somente se dá, quando algo acontece ali. Minha primeira amiga no ensino fundamental só virou minha amiga depois que jogou futebol comigo. Aconteceu o encontro. Hoje, sua filha se chama Maria Luisa, para chamar de Malu, porque no segundo ano ela me prometeu que se um dia tivesse uma filha, se chamaria Malu. Se isso não é um encontro fracasso-vagalume, que se faz em futebol das meninas e filhas Malus no segundo ano, o que mais seria?

Encontrar a minha primeira amiga na escola, foi como encontrar comigo mesma, na medida em que há também nela, um pouco do fracasso que me constitui, e que por isso, e somente por isso, ela aceita estar comigo, jogar futebol, e chamar sua filha de Malu. Talvez, ao encontrar Paola, eu tenha encontrado de novo comigo mesma.

O encontro consigo mesmo, sobretudo quando ele ocorre fora dos padrões, pode trazer desafios ou tornar impossível seguir sem transformação. É necessário avançar, explorar o desconhecido, desestabilizar as estruturas para chegar, enfim, ao sossego de quem vive com honestidade. (POLESSO, 2016, p. 36)

Por isso, afirmo e reafirmo a importância dos encontros fracassados, devires e vagalumes: porque eles costumam dar sentido à nossa existência queer. Encontrar com alguém que entenda o nosso fracasso é combustão para a nossa própria queimadura. Naturalmente, eu tive muitos potentes encontros fracassados durante os meus trinta anos queers. E foram eles que me fizeram ser eu. Então, me é muito cara a ideia de neste primeiro capítulo/artigo/corpo, dizer às crianças queers deste país, que elas precisam encontrar alguém. Alguém que sejam elas mesmas em outras, que sejam também fracassadas e que também entrem em combustão coletiva quando necessário. Creio que seja essa uma pista muito importante para que não nos matem.

“É a potência de vida da multidão, no seu misto de inteligência coletiva, de afetação recíproca, de produção de laço, de capacidade de invenção de novos desejos e novas crenças” (PELBART, 2008, p. 4). O principal encontro da minha vida foi algumas horas depois de que nasci: com a minha irmã, Mônica. Também fracassada, fracasso diagnosticado seis meses após seu nascimento: com base no cromossomo vinte e um, que veio triplicado. Minha irmã tem Síndrome de Down⁸, e nasceu dezessete anos antes de mim, inaugurando o fracasso vagalume na minha família. Inclusive: obrigada mana, eu fracassei melhor porque vieste antes de mim e avassalou de fracassos uma família que queria apenas os orgulhos e os sucessos.

Fiz uma tatuagem em homenagem à ela recentemente, com três cromossomos, o número vinte e um, e o nome dela. Fui mostrar a ela, feliz por ter registrado na pele o amor que me fez quem eu sou. Mônica não sabe ler, olhou os desenhos no meu antebraço direito e disse: que feio! Obrigada, mana, por insurgir sempre, fracassar sempre, ajudar-me a entender que é da combustão vagalume fracassada que somos nós duas as responsáveis pelo mundo.

É nítido que a ancestralidade dos encontros faz urgir as possibilidades dos encontros consigo mesmo. Eu não teria caminhado até aqui não fosse todas as que caminharam antes de mim. E neste percurso, tenho muito carinho também pelas presenças ancestrais que mesmo em um plano terreno, mostraram-me que já estavam abrindo caminho para

⁸ Condição genética caracterizada pela trissomia do cromossomo 21. A adição de um cromossomo ao corpo humano inaugura novos processos de ver, viver e estar no mundo.

outras formas de existências. Encontros que implicam não somente a transformação de si, mas também a transformação das instituições. “Como fazer implicar, em cada transição que se anuncia, a ancestralidade das gentes cuja terra foi roubada, como pólen e semente das gentes cuja terra ainda há de ser feita?” (MOMBAÇA, 2021, p. 62)

São tantas e tão importantes: professoras universitárias, colegas de graduação e de trabalho, acadêmicas, autoras, cantoras, escritoras, políticas, militantes, influencers, desinfluencers, mães, corajosas, insurgentes; tantas gentes que encontrei e me mostraram que eu não estava sozinha, e me acompanharam no fracasso, e acolheram as possibilidades de uma existência não cafetinada. Para não esquecer: enquanto não estivermos sozinxs, não vão nos matar.

Mas há aqui ainda, encontros aos quais este trabalho se destina: as pessoas cisgêneras, brancas, magras, dentro da norma patriarcal, às Heloíças Bolsonaros, que deram certo na vida e não fracassaram. Esses encontros me fizeram escrever este trabalho, porque eu gostaria que tais encontros fizessem alguma coisa com aquilo que escrevo, e que o encontro com essa escrita promovesse algum tipo de incômodo. A mim não interessa mais a demonização dos que tem sucesso, mas sim, a localização deles na minha vida, na vida das pessoas fracassadas.

A política do deslocamento, cunhada por Judith Butler (2018) diz que o contato com o outro pode permitir o movimento conjunto. “Eu sou, como um corpo, e não apenas pra mim mesma, e nem mesmo primariamente para mim mesma, mas me encontro, em encontrar de todo, constituída e desalojada pelas perspectivas dos outros” (BUTLER, 2018, p.86).

Nesta perspectiva, o minicurso a que este trabalho destina-se a analisar, também foi uma tentativa de encontrar as almas de sucesso, para que de alguma maneira, seu sucesso possa ser afetado pelo meu fracasso. Não posso negar que tenho alguma esperança disso, mas também não posso ignorar que a dicotomia entre o “nós” e o “eles” permanece sendo o que marca este encontro. Mas o movimento, a ação conjunta, ainda segundo Butler (2018), eles não acontecem na dicotomia, e sim no entre, neste espaço de hiato que há nessa relação, capaz ao mesmo tempo de unir, evidenciar, vincular e diferenciar. “Assim como me fez pensar e refletir sobre minhas ações, também enriquece as reflexões do coletivo da escola toda” (PROFESSORX PARTICIPANTE).

Friso aqui que não há a intenção de fechar o vão do entre. Ele sempre existirá. Enquanto houverem existências que não necessitem questionarem sobre sua própria existência, estaremos marcados e diferenciados. E ainda que pareça um pouco (ou muito) esperançoso, eu desejo justamente evidenciar o vão do entre, para que eles, os outros, aqueles que não são iguais a mim, possam, talvez, olharem-se e estranharem-se.

Pesquisar a dor do outro diante dessa proposta não quer dizer homogeneizar-se, significa, em contrapartida, estranhar-se. E colocar a si mesmo em suspenso para poder enxergar uma dinâmica que já foi familiarizada, pois esteve dada desde um primeiro momento. O que se sugere é produzir abstinências que sejam capazes de observar o que só se mostra à normatividade, mas que, devido a uma constância, passava como habitual (FAVERO, 2020, p. 15).

Assim, os encontros fracassados e vagalumes são aqueles que pelo estranhamento da sua própria existência, necessitaram encontrar no outro a possibilidade de uma outra existência, que se dá em conjunto, no conjunto. Aquela que só acontece quando os germens de pulsação da vida, do devir, encontram-se e ressignificam as duas vidas que se encontraram, que antes eram umas, mas agora já são outras.

E é por isto que o encontro é irreversível: depois do que se afeta e se aprende nele, ninguém sai o mesmo. O minicurso “Gênero, sexualidade e saúde mental no território escolar: é preciso salvar vidas!” teve a intenção de ser um encontro fracassado, e também de proporcionar encontros fracassados, especialmente para aqueles e aquelas que precisam encontrar outros estranhos, ou ainda, encontrar o estranhamento em si. Estranhar suas entranhas e existências para quem sabe, acolher existências estranhas e fracassadas na escola.

“O entendimento faz com que possamos nos sensibilizar mais” (PROFESSORX PARTICIPANTE). Eu diria que o além do entendimento, o estranhamento e os encontros a partir deles, também.

2.3 Manifesto pela tristeza

“É preciso discordar da vida, e para isso existe a tristeza” (TENÓRIO, 2013, p. 48). Li esta frase em “O Beijo⁹na Parede”, que é um livro de Jeferson Tenório, autor do

⁹ TENÓRIO, Jeferson. O beijo na parede. **Porto Alegre: Sulina**, 2013.

célebre “O Avesso¹⁰da Pele”, e conta a história de João, um menino que com onze anos precisa reinventar a vida. Com a morte de sua mãe e seu pai, João, que é um menino negro mordor da periferia do Rio de Janeiro, e com parte da família morando na periferia de Porto Alegre, precisa sobreviver também ao abandono total. Dentre as muitas insurgências necessárias para manter-se vivo, João de vez em quando precisa beijar a parede para sentir-se vivo. E da concretude de uma parede gelada, João extrai a aprendizagem pela pedra, e por um ato de resistência segue em frente com todas as dores que esse choque causa.

Como um verdadeiro escapista de um devir emparedado, o narrador implode os determinismos de um meio social no qual ele estaria fadado ao aprisionamento identitário. E é assim que chegamos à gramática existencial do nosso jovem narrador: sim, é possível o pranto se metamorfosear em grito de obstinação, de alegria, de resiliência. (TENÓRIO, 2013, p. 01)

Não tenho dúvida de que gosto tanto deste livro porque ele ampara a sua história na tristeza. E isso não significa que seja uma história que não tenha muitas insurgências, e principalmente, muita vida. Há muita potência de vida em ser triste. E também não tenho dúvida de que o livro me afeta tanto porque de alguma maneira - e falo isso absolutamente ciente do meu lugar de fala enquanto uma mulher branca, sem a experiência de uma periferia - me identifico em algumas interseccções com João. Em algum momento as vias identitárias, pelas linhas da interseccionalidade, me ligam ao João e fazem com que eu perceba no sofrimento dele, e especialmente, nas insurgências da vida que saem de uma parede de concreto, aquele gérmen que só pulsa em quem têm uma infância triste.

“Foi mais ou menos ali que eu comecei a perceber a ousadia dessas pessoas que peitaram o decreto que os genitais lançam sobre nosso corpo, decreto que determina, antes mesmo de a pessoa nascer, as fronteiras até onde ela poderá ir” (MOIRA et al; 2017, p. 30). Não sei se a nossa tristeza vem do decreto biológico, das instituições como a religião, a família, a educação, ou de um misto de tudo isso, mas sei que ela tem um papel importante na constituição de alguém que está fora da norma, e que muitas vezes é por meio desta tristeza que é possível produzir a escrita, as histórias, a poesia, a música, a arte.

¹⁰ TENÓRIO, Jeferson. **O avesso da pele—Vencedor Jabuti 2021**. Companhia das Letras, 2020.

Quando João diz que “é preciso discordar da vida, e para isso existe a tristeza” (TENÓRIO, 2013, p. 59) eu sinto que alguém entendeu a criança que eu fui, a adulta que eu sou, que ainda fica triste quando percebe que a vida se apresentou de uma forma que é impossível que concordemos. Tenho muito medo de romantizar essa discussão quando digo que há beleza também na tristeza, ou ainda, desconsiderar todo o contexto de sofrimento que toda a comunidade LGBTQIA+, os negros, os pobres e todas as ditas minorias deste país, vivem. E considero necessário reafirmar a minha posição de luta para que ninguém precise morrer para que se salvem outros. Mas aqui, eu gostaria de entender a tristeza como o entendimento de que algo precisa mudar, como a não conformidade, como a chave para uma virada possível.

Basta pensarmos, por exemplo, no interesse do capitalismo, das grandes indústrias, das grandes mídias, em que não fiquemos tristes, na hipermedicalização da vida e de todas as emoções e sentimentos, na afirmação de que é necessário ser feliz para viver - ou seja - para produzir. A tristeza então, contrapõe-se à compulsória ideia de que precisamos não discordar da vida, e aceitá-la como ela é, ou como naturalmente ela se apresenta à nós, para ser feliz.

É constante a prerrogativa de que precisamos aceitar as leis da natureza para estar em consonância com ela. Quais são as leis da natureza? Pergunto-me ainda, por sempre pensar que a minha natureza, a de uma mulher cisgênero e lésbica mas que por muito tempo foi compulsoriamente heterossexual, colocava-me sempre nesta condição de não cumprir o papel que me havia sido imposto e que portanto, tal natureza não parecia querer-me totalmente feliz. E por este motivo, permitia-me discordar dela.

A contraproducência e a tristeza vêm na contramão do que os coachs de vida nos dizem, porque é sim, necessário, estar triste. E alertei no início desta escrita que talvez ela fosse pessimista, mas é porque eu não acredito em construção de brechas possíveis se estas não passarem pelo choque com a realidade: que é concreta, que é cruel, que mata, que aniquila, que esconde, que sufoca, que deixa triste. “Períodos de convulsão são sempre os mais difíceis de viver, mas é neles também que a vida grita mais alto e desperta aqueles que ainda não sucumbiram integralmente à condição de zumbis” (ROLNIK, 2019, p. 21)

Portanto, fica aqui um manifesto pelo direito de estar triste, ainda que a alegria seja uma forma bastante política de encontrar com a vida. Penso que só sabe a potência da alegria, aquele e aquela que já viveu, pelo menos por alguns segundos, a indignação de uma forte tristeza. A indignação de por tristeza, convulsionar pela dor de não estar dentro da norma que admite o direito ao gozo somente para quem obteve sucesso no jogo cruel do cis-hetero-branco-capitalismo.

“Onde há nação, há brutalidade, e onde há brutalidade nós somos o alvo” (MOMBAÇA, 2021, p. 15). Neste sentido, parece-me que há na tristeza das crianças queers deste país, e em todas as formas como elas autorizam-se a manifestar as suas tristezas, a tentativa e a esperança de uma construção de tristeza, e por consequência, de contradição e estranheza, coletivas. E que quando dizemos para uma criança queer, que ela não fique triste porque não há motivos, estamos, além de ser insensíveis, anulando a possibilidade da discordância da vida, que é necessária.

Creio que quando conseguirmos não somente encarar a tristeza coletivamente, mas também estarmos, ou ainda, sermos tristes coletivamente, talvez possamos experienciar um devir-vida coletivo que não nos é ensinado na escola, e que temem que consigamos, pois é potente demais para um país que apresenta como proposta a nossa morte para a manutenção da ordem. “Reprimir emoções faz com que se adoença. Importantíssimo poder conversar sobre esses assuntos para que todos e todas sintam-se livres para serem quem desejarem ser” (PROFESSORX PARTICIPANTE).

Reprimimos a tristeza com muita naturalidade, sem culpa e sem pensar sobre. Porque obviamente, reprimí-la nos coloca diretamente na posição de não precisar lidar com seus incômodos. Acontece que, para nós, crianças - e agora adultos - queers, a tristeza nunca foi opção, ela é compulsória na medida em que entendemos a nossa incapacidade de conformação e de adequação àquilo que nos apresentaram como as leis da natureza. A insensibilidade e a vontade de normalidade, buscam aniquilar até mesmo, a nossa tristeza. “O medo de sofrer violência, primeira coisa que me ensinaram, a primeira coisa que ensinam uma criança a temer, era muito maior do que a vontade de descobrir quem eu era” (MOIRA et al; 2017, p.22).

Quando nos impedem a tristeza, nos impedem também o que se produz com ela. E há formas de ser e estar triste, de modo que como O Beijo na Parede evidencia, é somente

depois de muito estar triste, que a concretude de uma parede gelada pode nos ensinar a beijar. Enquanto João treina formas de beijar meninas em uma parede de concreto, ele evidencia a forma como fracassados ensaiam os sucessos na vida: insurgindo, mas ainda assim, acreditando que é possível, que há potência, que não pode a vida reduzir-se àquilo que nos apresentaram do mundo. E isso não significa que João beijava triste, mas que João inventou seu próprio jeito de beijar. E isso também não significa que beijos e vidas queers são tristes, mas que precisamos inventar novos jeitos de viver e beijar, e lutar pela visibilização desses novos modos, para que sejam possíveis e legítimos.

Ao contrário do que possa parecer, eu acredito muito na alegria. E acredito muito na sua potência produtora, na sua forma de fazer e estar ativos e ativas politicamente. Eu também acredito que a alegria é a melhor maneira de enfrentar toda a onda de violência psicológica, física e institucional que impõe-se sobre as nossas existências queers. Eu só não acredito que possa ser possível Joãos, Malus, Moiras e Mombaças atravessarem suas existências sem experienciar a potência do fracasso, da tristeza e alegria concomitantes do ato de fracassar.

Primeiro, porque a sociedade está toda montada e amparada tecnologicamente para sermos este fracasso e para que os outros, os não queers, tenham sucesso, e segundo, e creio que, para nossa salvação, para que possamos sentir a potência de ser exatamente tudo aquilo que não queriam que fôssemos. “Para cada pessoa cisgênera que olha a si e se vê como norma, e assim olha o mundo e o vê como espelho, deixo o seguinte recado: nós vamos desnaturalizar sua natureza, quebrar todas as suas réguas e hackear sua informática da dominação” (MOMBAÇA, 2021, p.26).

Jota Mombaça é muito dura, mas também muito assertiva quando lança a frase acima. Desnaturalizar a natureza é algo que só pode ser feito quando se estranha ela, se discorda dela, e como disse João, é para isso que existe a tristeza.

1.4 Vida e Morte

É redundante, eu sei. Mas é preciso afirmar redundantemente e muitas vezes que nós precisamos sempre criar uma outra vida. Uma vida não cafetinada, não colonizada, não enquadrada, uma vida que consegue, e precisa, escapar de todas as formas de aprisionamento que subjetivam as existências contemporâneas, para simplesmente, serem

vivas. “Com certeza, como se encontrar em um mundo onde não tenho espaço nem vez?” (PROFESSORX PARTICIPANTE).

Um mundo que não nos dá espaço e nem vez é um mundo que nos obriga a não viver, mas resisitir, o tempo todo. A resistência que se estabelece como compulsória muitas vezes cansa, exaure, e nos coloca em posição de estar sempre alerta: é sempre dado que algo pode nos acontecer, vindo de qualquer lado, de qualquer pessoa, de qualquer instituição maior que se diz defensora da ordem pública, da família, da pátria.

Essa resistência compulsória nos obriga a viver não por ou para, mas apesar. E por um lado talvez mais genuíno, correndo o risco novamente de romantizar sofrimentos, ela também nos faz sentir alegria muitas vezes, pelo simples fato de estarmos vivxs. Sobreviventes queers de infâncias fracassadas, crianças que sobreviveram às suas famílias, às suas escolas, às suas igrejas. E não fosse o fato de muitxs não sobreviverem, eu osaria dizer que está aí a potência da infância queer: sobreviver apesar de, e para reinventar. “Não é na plenitude ontológica, mas na multidão de estilhaços que se produz a possibilidade de um outro modo de existência em conjunto” (MOMBAÇA, 2021, p.23).

Halberstam (2020) nos instiga a pensar que toda infância, por essência, é queer. Pensar a essência de uma infância significa, para mim, um estudo antropológico de tudo que nasce, se desenvolve e vive. Pergunto-me se há algo que possa ser dito que é a essência, que faz aquilo ser o que é. E creio que o que faz a infância ser infância é justamente a sua contraditória posição de indefinição. O que é a infância se não um período em que ainda não sou tudo, nem nada, mas sou alguma coisa que talvez, ainda serei?

É justamente nessa indefinição que acredito ser possível encontrar a brecha para a criação da vida, de uma outra vida, de um devir vida não aprisionado, ainda. É ali, quando na infância começa-se a entender os muitos jogos de subjetivação, e se estranha o fato de tais jogos não estarem totalmente condizentes com o que há em mim, com o que ainda quero ser, com o meu corpo, com as meninas e meninos que me são ditos como os dentro destes jogos, é nessa estranheza que pulsou a partir da normalidade me apresentada, que se começa a construir um outro modo de vida, compulsório, mas potente e salvador. “A cultura queer faz o papel da ruptura como substituição quando a criança

queer sai da linha de montagem da produção heterossexual e se vira na direção de um novo projeto” (HALBERSTAM, 2020, p.112).

As corporalidades desviantes, os desejos desviantes e as tentativas de homogeneizar as vidas, os corpos, desejos e subjetividades fazem-se, desde o nascimento até o último minuto de vida, tentativas de dominação. É preciso sempre, antes mesmo de tomar o café da manhã, vestir a túnica colorida da resistência ao enclausuramento em preto e branco, e iniciar novamente as tratativas com essa linha de montagem de produção heterossexual, fugindo a todo momento das suas ferramentas e artimanhas, que não são apenas concretas, mas também subjetivas, veladas, delicadas e muitas vezes até imperceptíveis.

Nesta fuga, os tombos são recorrentes. Quebra-se braço, perna, dentes. Corta-se, na tentativa de escorrendo o próprio sangue, surgirem novas peles. Na tentativa de não reconhecer no próprio sangue a continuação desta linhagem familiar e social que impõe levar a família adiante, procriar, estar sempre dentro da linha de montagem. Algumas vezes, despedaçando-se, é possível juntar os cacos e surgir outras e outros, outras vezes, o despedaçamento é grande demais e leva também a esperança, a coragem, a própria vida. Importante sempre escrever isso porque eu não considero justo que alguns precisem despedaçarem-se para viver, enquanto outros, sempre estiveram completos, inteiros, no alto dos privilégios que a heteronorma garante.

Gosto de nomear o privilégio, a norma, e considero importante colocar neles a nossa impossibilidade de vivência plena. Neste sentido, nomear a heteronormatividade, o capitalismo, o patriarcado, e todas as formas de subjetivação e dominação que interseccionam-se para tentar nos aniquilar, é uma forma talvez de ameaçar, e de dizer que sabemos exatamente com quem e com o que estamos lidando, e que não vamos desistir de lutar até que os privilégios sejam nossos também e que se redistribuam cada violência que somos obrigadxs a viver.

“Nomear a norma é devolver essa interpelação e obrigar o normal a confrontar-se consigo próprio, expor os regimes que o sustentam, bagunçar a lógica de seu privilégio, intensificar suas crises e desmontar sua ontologia dominante e controladora” (MOMBAÇA, 2021, p.76). É óbvio que a afirmativa de nomear a norma e a insistência em falar de nossas mortes, e de nossas vidas, ameaça, amedronta. É óbvio que o homem branco no alto do seu privilégio hetero tem medo de precisar olhar para a sua posição de

escravizador, homofóbico e cúmplice de tantos assassinatos, e com isso, precisar reparar seus erros históricos e ao mesmo tempo tão contemporâneos.

Aí surgem todas as formas de rechaço e de defesa da moral e dos bons costumes, desde a ideologia de gênero, até o kit gay nas escolas e a pedofilização dos banheiros unissex. Todas tentativas desesperadas de patologizar, criminalizar nossas vidas e manter a ordem hetero-machista-capitalista que admite somente estes seres normais como cidadãos de bem. “Autodefesa não é só sobre bater de volta, mas também sobre perceber os próprios limites e desenvolver táticas de fuga, para quando fugir for necessário. É também sobre aprender a ler as coreografias da violência e estudar modos de intervir nelas” (MOMBAÇA, 2021, p.80).

E aqui, vai o meu recado: tenham medo! Enquanto houver criança, adulto, idoso, qualquer vida que seja queer, nós não vamos parar. Tenham medo de precisar lidar com os possíveis prejuízos dos seus privilégios porque cada dia mais, enquanto houver democracia, nós vamos estar em cada entrelinha deste projeto do nosso genocídio, arquitetado aos nossos olhos na tentativa de nos intimidar.

Às pessoas heterossexuais, cuja heterossexualidade é contínua ao regime político de homogeneização sexual, extermínio dos desejos subnormais e genocídio das corporalidades desviantes, eu gostaria de dizer: nós vamos penetrar suas famílias, bagunçar suas genealogias e dar cabo de suas ficções de linhagem. (MOMBAÇA, 2021, p.75)

É preciso lidar da mesma forma com quem lidam conosco: com a certeza de que vão nos fazer recuar, sempre. E não há nada mais violento do que a vida. Se estamos defendendo e lutando pelas nossas vidas, precisamos fazer com a mesma veemência e violência com quem nos tentam matar. Trata-se de um tratado pela vida e pela morte, de um combinado que há muito fizemos, quando nascemos e quando morremos, de não nos deixar matar. E é por não nos deixar matar, que vamos viver. É nesta linha muito tênue entre um iminente assassinato e alegria de ter sobrevivido, que aprendemos a ser quem somos, que construímos um outro modo de vida capaz de escapar das pegadinhas do hetero-controle, e das nossas próprias.

Já não somos mais obrigadxs a fingir, a tentar adequação, a autosabotagem dos armários. Chutamos as portas há algum tempo, e por isso morremos cada vez mais. Depois do chute, já não pertencemos ao combinado dos normais, ao regime político

vigente, à grande família. Depois do chute, somos nós por nós, e por isso, criamos a nossa própria vida. Como os vagalumes que tem fogo e luzes próprias, mas que só são vistos quando em conjunto. Depois do chute, somos as vidas que querem matar, mas que não morrem, porque da mesma forma que não vivemos mais do mesmo jeito, também não morreremos assim. “Que nossos corpos partidos encontrem extensão e órgão uns nos outros e nas coisas - nas flores, na terra. Jamais fomos humanas e por isso podemos ser flor e merda e sagradas” (MOMBAÇA, 2021, p.115).

1.5 Por fim, narro-me

Sobre ser uma menina

Conto a minha história. Conto-a, eu mesma, porque só eu posso contá-la da maneira que ela acontece: quem eu sou, o que me afeta. E conto-a também, porque muitas vezes acreditei que não era digna de ser escutada, ou ainda, que minha existência não era importante para este mundo que não tem vergonha de escolher as histórias das pessoas que quer contar.

Hoje eu sou uma mulher, lésbica, psicóloga, pós graduada, mestranda, pesquisadora e professora. E gosto de me apresentar assim, especialmente na academia, porque todos esses adjetivos depois da palavra “lésbica”, foram, e por muitas vezes ainda são, negados para mulheres como eu. Gosto de me apresentar assim, especialmente porque ainda se pensa que a academia não é lugar para mulher como eu, que a Psicologia não é para mulheres como eu. E embora e surpreendentemente hoje eu seja tantas coisas, eu já fui menina. E apenas menina. Não que ser menina seja pouca coisa - em um país onde a pornografia infantil é líder nos sites de busca pornográfica - ser criança e menina é uma complexa trama de intersecções violentas.

Gosto de contar minha história com fantasia, mas também com fatos: em uma das aulas do mestrado, ouvi de um professor: aut narre-se. Se vocês não contarem a sua própria história, alguém a contará por você. Enquanto mulher lésbica, pesquisadora, psicóloga e pessoa queer que sou, não posso abandonar a menina que fui. A criança que fui. Mas o que é afinal, ser uma menina? O que é afinal, ser vista, percebida, tratada e respeitada como uma menina? Especialmente neste país que ainda acredita que meninas nasceram para ser princesas, mães, esposas, delicadas e quietas?

Não quero entrar na questão da garantia de direitos, de segurança, de educação, de não violação: é óbvio que toda menina, que toda criança, necessita ter seus direitos básicos garantidos, necessita ser criada em um ambiente acolhedor, com comida, higiene, acesso à educação, à cultura, à cidadania, à sua história, e também, com amor e cuidado, amparo e proteção. Mas aqui, gostaria de ir um pouco além. Como podemos, enquanto sociedade, garantir que ser menina seja sinônimo da garantia da integridade e integralidade deste ser? Como podemos garantir, enquanto sociedade, que cada menina tenha o direito de construir e de contar a sua própria história, como desejar e como lhe fizer sentido contar?

Citando uma das meninas brasileiras que está hoje buscando contar a sua própria história, Jota Mombaça diz que “não é justo que somente nós que assumimos como ética da existência a desobediência à normalidade social ou que simplesmente estamos mal posicionadas no ranking dos direitos humanos dos humanos direitos” (MOMBAÇA, 2021, p. 73) tenhamos de lidar com a impossibilidade de não contar a nossa própria história, ou ainda, de deixar que a contem por nós.

Há, no fato de ser menina, uma compulsória necessidade de insurgir: quando nos dizemos meninas, estamos automaticamente nos dizendo não pertencente ao eixo masculino e patriarcal de dominação. Então, por si só, o fato de narrar-se enquanto uma menina é a própria resistência e insurgência no mundo colonizado e capitalizado. A questão para mim, torna-se então: de que modo é possível garantir às meninas o direito de fazer da insurgência do ser menina o direito incontestável de ser além disso, muitas outras coisas?

Citei anteriormente a fantasia porque penso-a como uma pista possível de contar as nossas próprias histórias. Quem nunca se imaginou sendo o que realmente gostaria de ser, e viveu naquela fantasia uma única maneira possível de dar-se um pouco de dignidade? Há na fantasia, para meninas como as que eu fui, a possibilidade de reinvenção de si, e por consequência, da reinvenção do mundo.

Na minha fantasia, antes de dormir, quando eu deitava sozinha no silêncio do meu quarto, eu me imaginava sendo um menino. E isso nada tinha a ver com o meu corpo ou com alguma admiração pelo gênero oposto, mas tinha a ver com o que me diziam que os

meninos poderiam fazer, com a maneira como eles eram corajosos e conquistadores, com o poder que tinham sobre o mundo, e que eu, como menina, não poderia ser, nem ter.

Além disso, eles podiam coisas banais: usar cabelo curto, andar sem camisa, beijar outras meninas, jogar futebol. Eram todos atributos para os meninos, que me faziam desejar ser um. Só depois me dei conta de que eu não queria ser menino - e tudo bem se eu quisesse - mas eu queria ser uma menina que pudesse contar a minha própria história, sem ser desvalorizada, desrespeitada, desamparada, desintegrada e não fazendo parte de um seleto grupo de meninas de sucesso.

“A reimaginação do mundo e das formas de conhecê-lo, implica também tornar-se capaz de conceber resistências e linhas de fuga que sigam deformando os modos do poder através do tempo” (MOMBAÇA, 2021, p. 68). A fantasia então, pode ser a resistência de muitas meninas que estão à beira de tornarem-se o que não desejam ser. Constroem seus próprios mundos e encorajam neles a dignidade de viverem as suas próprias vidas.

Educação, mídia, religião, família, todas instituições que organizam a sociedade e regem formas de dominação, regem formas de organizar o mundo e de capturar desejos, identidades, pessoas. Ser uma menina que gostava de jogar futebol, andar sem camisa e usar o cabelo curto obrigou-me a contar uma outra história sobre mim mesma, diferente daquela que todos esperavam que eu contasse, e que já haviam até mesmo escrito por mim. Essa história inclui as brechas que só são possíveis pela fantasia, as possibilidades de insurgência que somente os livros da biblioteca da escola pública possibilitam, os respiros que o futebol na educação física, mesmo que com os meninos, podem ser, e foram.

Mas essa história, na medida do possível, só foi reescrita porque eu pude reencontrar esses respiros para autonarrar-me enquanto uma outra menina. E esta escrita faz um pedido a todxs xs adultxs que assim como eu, consideram-se em dívida com todas as meninas que desejam simplesmente poderem ser: construam mecanismos, ferramentas, nas escolas, nas famílias, nas histórias, para que essas meninas sintam-se também representadas pelo que elas são, da forma que são. Com seus cabelos curtos, com as suas coragens, com os seus desejos, planos de serem cientistas, jogadoras de futebol, prefeitas, esposas, mães, domésticas. Constroem pontes - fantasiosas e concretas - de ligação entre o que eu quero, o que eu posso e o que eu sou. Construam o viaduto que liga outras e

novas formas de ser menina com a educação, com a família, com a comunidade, com a academia também.

Quando Simone de Beauvoir disse sua célebre frase de que “ninguém nasce mulher, torna-se mulher”¹¹, ela estava falando de mim, de nós, das meninas que estão hoje tentando tornar-se sujeitas de si mesmas. De meninas que necessitam, antes de qualquer coisa, destruírem o que contaram delas, para elas e por elas, para então, tornarem-se.

“Então olho a história do meu nome, deste corpo, dos gêneros que por ele passam, e me perco no exercício poético e político de dar conta da quebra que me atravessa, desmonta e, paradoxalmente, viabiliza” (MOMBAÇA, 2021, p. 26).

Ser menina é sobre viabilizar, enfim. Sobre viabilizar por meio de muita fantasia, a vida possível na concretude que muitas vezes nos assola. Sobre paradoxalmente, quebrar no meio para enfim, (re) constituir-se como inteira. Sobre usar da ancestralidade de muitas outras mães, irmãs, companheiras e resistentes, para ressoar e entonar juntas: nossa existência é política, é poética, é cartesiana e também é devir, é o fracasso de todas as formas de violência que o modelo patriarcal e machista de sociedade nos impõe, é a transgressão compulsória dos aparatos controladores de gênero, e por fim, é também sobre simplesmente ser, que é quase nada, e ao mesmo tempo, tudo que podemos.

¹¹ Simone de Beauvoir em “O Segundo Sexo”, 1989.

Capítulo/artigo/corpo 2

3. Identidades fracassadas: escolas escapantes

3.1 Acolhimento e transgressão

Digo “as pessoas da escola” e tremo. Não sei se é medo ou nojo ou um cansaço infinito. Mesmo que agora até as crises de ausência tenham diminuído, mesmo que a medicação esteja funcionando bem, mesmo que tudo esteja indo tranquilamente, eu não consigo me desvincular dessas coisas, dessas faltas. Eu disse que não importava, mas importava, sim. Parece que fiquei com um monte de lacunas para completar. E eu não sabia com que completar. Do início do ensino médio até eu desistir foi um longo borrão, uma mancha comprida atravessando meus cadernos, letras desmanchadas, palavras incompreensíveis. (POLESSO, 2019, p. 67)

Maria Fernanda, a personagem que Natália Polessó narra em seu livro chamado “Controle” é uma menina com epilepsia que não consegue mais ir para a escola por ser a “menina do tremelico”. Quando Maria Fernanda diz das lacunas a serem completadas neste período em que frequentava a escola sem nenhuma presença intensa, afetiva, afetada e presente, remeto-me a importância de encontrar nas lacunas justamente a possibilidade de uma educação que olhe muito menos para os preenchidos, e muito mais para as lacunas. No sentido de que lacunas não foram feitas para serem preenchidas, e sim para a possibilidade de alargá-las ainda mais e nelas encontrar outros modos de estar na vida, alargar os fracassos e fazer deles a única forma de existir.

Na medida em que Maria Fernanda pergunta-se o tempo todo se realmente está viva, ela também vai dando-se conta de que não é possível sentir-se viva não podendo ser Maria Fernanda em todos os lugares. A personagem também vai descobrindo-se lésbica enquanto sente desejos corporais de afeto por sua melhor amiga e colega, Joana.

Não é novidade que a escola faz parte deste escopo de avenidas em que as diferenças fazem ver, e a intersecção delas retoma, por vezes, a opressão das suas somas. E neste sentido, Galeano é categórico: “Quando é verdadeira, quando nasce da necessidade de dizer, a voz humana não encontra quem a detenha. Se lhe negam a boca, ela fala pelas mãos, ou pelos olhos, ou pelos poros, ou por onde for” (GALEANO, 2002, p. 32). “É preciso refletir, falar, para sair desse lugar do padrão e da normativa que seguem perpetuando. A cultura e a educação precisam ser espaço de reflexão” (PROFESSORX PARTICIPANTE).

Entre as lacunas que Maria Fernanda diz não saber como completar, está a possibilidade da intervenção da escola em não compactuar com completar as incompletudes. Não preencher as avenidas que permanecem ainda sem os sons dos veículos e pedestres que por aí podem cruzar, e apostar na interseccionalidade dos marcadores da diferença - no caso da personagem a epilepsia e a orientação sexual - para movimentar este trânsito. Não se fecha uma avenida quando nela pode haver movimento.

Entendendo a inseparabilidade estrutural do racismo, do capitalismo e do cisheteropatriarcado (Akotirene, 2019), cruzamos as avenidas identitárias pelas quais a personagem transita, de um lado sofrimento, do outro desejo. Desejo que também faz sofrer, mas que abre as lacunas da dúvida, da possibilidade de transgredir o sofrer. É na escola que Maria Fernanda conhece Joana, e também é na escola que ela desejaria não ter conhecido. Se é a escola quem apresenta o desejo, mas também é ela quem o castra, o que esperar deste cruzamento na ainda vazia avenida? Morte e vida conversando, negociando, contratando formas de coexistirem de uma maneira mais honesta e equitativa. “Não trabalhar estes temas afeta muito, porque a escola é um dos lugares em que precisamos ser aceitos (PROFESSORX PARTICIPANTE).”

Interessa-me retomar a introdução desta escrita, quando digo que este capítulo é a perna do trabalho, porque ao mesmo tempo em que desacomoda e dá impulso, também é o que dá sustentação ao tronco e o mantém em pé. Importante pensar o papel da escola enquanto aquilo que pode e deve desacomodar, mas também precisa manter a vida. A expectativa de uma escola que salve vidas parece sobrecarregar este lugar de formação dos sujeitos e sobrepôr-se aos contratos intrinsecamente estabelecidos à revelia das vidas escapantes, ao passo em que, parece-me, em alguma instância, que sentir-se vivx na escola é romper quase que diariamente à lógica destes contratos.

Neste sentido, afirmar uma escola acolhedora pode ser sim, afirmar a transgressão. E para isso, é preciso coragem, estudo, ética e estética-política. A postura antidiscriminatória na escola é, por si própria, a transgressão. E em tempos e lugares em que acolhimento e vidas não normativas são transgressão, é preciso pensar a escola não como a válvula de escape, a única possibilidade de salvação, mas talvez sim, como o espaço que não somente autoriza, mas também pretende a transgressão.

Bell hooks (2017) escreve sobre a importância do entusiasmo - e por um grifo meu, também do desejo - para os processos de ensino e aprendizagem. A autora diz que desejo e entusiasmo são necessários para perturbar a atmosfera de seriedade considerada essencial para este processo. “Entrar numa sala munida da vontade de partilhar o desejo de estimular o entusiasmo era um ato de transgressão” (hooks, 2017, p. 17).

Em Geologia, transgressão significa: o avanço do mar sobre áreas litorâneas, em virtude da elevação do nível do mar ou de movimentos de afundamento da zona costeira. Gosto de pensar no mar como a instituição educação, que para transgredir tem duas opções: elevar-se sobre si mesma e trans-bordar - no sentido de borrar as bordas, as fronteiras, as demarcações que dizem até onde se deve ir - ou, afundar por completo a pequena praia que ainda insistia em insurgir conforme o balanço da maré.

Como o mar, a escola precisa saber que correnteza, movimento e inconstância são partes destes processos de transgressão, e que sem eles, é impossível escapar dos afogamentos. Há perigo: a educação e o mar que transgridem são os mesmos que trazem os desconfortos, os redemoinhos, as crateras. Mas também há salvação: o mar e a educação que transgridem são os mesmos que livram do afogamento quem parar de se debater, de lutar contra si mesmo.

Não por acaso, bell hooks (2017) intitula seu livro “Ensinando a transgredir”. Se para a escola não é possível salvar o mundo, também não pode ser responsabilidade das infâncias queers salvar a escola. É na esquina democrática, nos corredores, nos vãos dos muros que surgem passagens desconhecidas, inovadoras, vivas.

Apostar em uma escola das lacunas, que crie seus próprios espaços de escape, e que por eles, transitem as vidas escapantes com a legitimidade de um espaço construído coletivamente, por meio de uma educação que transgride a disciplina e a ordem, é fundamental para movimentar as avenidas identitárias. “Ao menos a gente se perde um pouco, se ajuda a encontrar os caminhos, fica triste com algum muro e feliz com as passagens secretas” (POLESSO, 2019, p. 72).

Fica nítido que há dualidade entre acolhimento e transgressão, entre construir uma escola que seja capaz ao mesmo tempo, de acolher transgredindo. Talvez a pista principal seja apostar nas lacunas: precisam ser respeitadas, acolhidas, mas não fechadas. A transgressão é não fechar, consertar, disfarçar, ou ainda, preencher com conceitos e notas.

Embora eu proponha estratégias, estas obras não oferecem modelos para transformar a sala de aula num lugar de entusiasmo pelo aprendizado. Se eu fizesse isso, iria contra a insistência com que a pedagogia engajada afirma que cada sala de aula é diferente, que as estratégias têm de ser constantemente modificadas, inventadas e reconceitualizadas para dar conta de cada nova experiência de ensino (hooks, 2017, p. 21).

Se é a educação que pode provocar sofrimento e gozo, concomitantemente, está justamente aí sua potência. Precisamos urgentemente, enquanto sociedade, parar de esperar que a educação opere o milagre. De salvar o mundo, de melhorar as pessoas, de consertar o que ainda sobrou inteiro depois das avalanches conservadoras e fascistas. A educação e a escola não podem, por si só, terem tamanha responsabilidade. Isso seria justamente pedir que a educação preenchesse lacunas, produzisse as certezas, e não as dúvidas.

Para transgredir e acolher, necessita ser a educação quem desloca, tira do lugar, segue a dúvida. Necessita ser a educação aquela que entende o desejo e o sofrimento como constituintes, sem romantizar o sofrimento, mas sendo o espaço físico e subjetivo para que ele apareça. Quando se busca preenchimento, fechando as esquinas, consegue-se congestionar os caminhos que dão vazão à possibilidade do sofrer com acolhimento, sofrimento que só existe porque as avenidas da transgressão estão sendo abertas. Acolher é transgredir, na medida em que a educação precisa ser transgressão.

3.2 Patologização das vidas queers

Neste ponto, é inevitável: como uma fúria no peito, uma urgência correndo através de minhas veias, como um espasmo perpétuo no músculo principal, ela virá e durará por agora e para sempre. Porque já está aqui: o instante imparável da ansiedade, o nó indissociável do desespero. Uma vez e outra, vibrando apesar da imobilidade. Como uma convulsão no mundo que é, também, uma convulsão do corpo, do corpo contra o mundo, do corpo contra o corpo ele mesmo, e do corpo contra o texto. (MOMBAÇA, 2021, p.58)

Doentes desde o desenquadramento e o escapar da prescrição biológica, estamos ainda adoecendo de tristeza. É fácil entender os motivos, tanto do diagnóstico primário: transtornos de desenquadramento, quanto dos diagnósticos que vêm depois dele: ansiedade, depressão, transtorno do pânico, etc. Como não ter medo de morrer quando já se nasce doente? Como evitar a queda quando a estrada foi feita para que tropeceemos?

Como entender que além do diagnóstico do desenquadramento também precisamos lidar com o diagnóstico da ansiedade, que virá e durará para sempre?

Muito sofrimento entre os estudantes que conseguem de alguma forma relatar suas experiências. Muitos falam uma vez na família e depois se calam. Percebo que esses que se fecham, são inseguros e mais suscetíveis a introspecção e aceitam diferentes tipos de bullying (PROFESSORX PARTICIPANTE).

Creio que não é necessário dizer que eu já fui doente. Não sei se ainda sou, mas se tivesse vacina, eu teria tomado. Eu também conversei com o padre, sugestão familiar. Ele disse que não seria caso de doença, mas de falta de fé. Disse para a minha família que esses problemas acontecem e que certamente, tem a ver com a genética. Muito comum em caso de irmãs gêmeas, uma gostar de meninas, outra não. Tem a ver com a genética, biologia explica, logo vão alterar células tronco para que isso acabe.

O mais perverso de tudo me parece ser que, apesar de nos chamarem de doentes, eles não buscam a nossa morte. Seria menos perverso se fosse a morte que buscassem. Mas não buscam a nossa morte porque sabem que de onde saímos, vêm mais. Eles buscam mesmo o nosso adoecimento por meio do controle. Controlar-nos, deixando-nos doentes. E por meio da doença, que nega a saúde e com isso, a possibilidade do pensar, desejar, agir, amar, eles buscam a nossa patologização. Que pessoa doente poderia fazer eco? Nenhuma.

E novamente faço coro à Jota Mombaça quando ela diz que (2021, p. 47) “o contrário da vida não é a morte, mas o cativeiro e a escravidão”. Desta forma, nos dão diagnósticos, como incongruentes ou disfóricos de gênero, nos prescrevem medicações psiquiátricas, nos prescrevem hormônios que buscam nos colocar de volta em algum corpo, em alguma forma. Buscam nos colocar de volta nos armários, nos cativeiros, no enclausuramento, nas internações, macas, camisas de força, que são os lugares atribuídos àqueles que não estão encaixados nesta máquina saudável. “É minha primeira semana aqui e minhas expectativas em torno da temática não eram grandes” (PROFESSORX PARTICIPANTE).

Se as expectativas em torno da temática não eram grandes, possivelmente as expectativas em torno de quem tem um diagnóstico também não sejam muito além do fracasso. E mesmo que aceitar o fracasso seja libertador e produtor da emancipação, não

podemos negar que o fato de que não esperem nada de nós, também faz com que não invistam em nós. E sobre isso não resta dúvida: a meritocracia já faliu há muito tempo, ninguém consegue por esforço o que muitos têm garantido pelo privilégio.

“As vezes entro numa sala abarrotada de alunos que se sentem terrivelmente feridos, mas não penso que eles queiram que eu seja sua terapeuta. Querem, isto sim, uma educação que cure a desinformação e a ignorância” (hooks, 2017, p.33). Saímos em desvantagem, é fato. Precisar começar a vida provando que estamos saudáveis é prejuízo grave e merece reparação histórica. Quando nos diagnosticam, automaticamente dizendo que o normal, o natural é quaisquer outra coisa que não seja nós.

Ao diagnosticar uma infância – supostamente trans – como incongruente não se está apenas propondo um modelo de atendimento em saúde, mas situando a transexualidade como um a priori clínico. E essa proposta deriva da ideia de que o natural é ser cisgênero (FAVERO E MACHADO, 2019, p. 15).

É importante aqui novamente nomear a norma, para que não nos esqueçamos de que a norma não é natural, ela é produzida. Se a norma é cisgênera e heterossexual, e o que se produz a partir disso está fora dela, como ser fracassado, trans, viado, sapatão, travesti e ainda ser saudável? Se a doença está na identidade, a saúde fica onde? Onde há espaço para produzir saúde se o fato de ser já é a própria doença? “Se a vizinha estava mesmo com machorra, seja lá que doença fosse aquela, alguém precisava ir lá e desejar boas melhoras.” (POLESSO, 2016, p. 60).

Apesar dos aparatos sempre a postos das categorizações e dos enquadramentos que organizam e mantêm a roda girando, é na tentativa de encontrar a saúde que se pode também entender onde está a doença. Deslocar a doença, a forma como ela se apresenta, as suas formas de apresentação, sintomas e tratamentos podem nos fazer entender onde estamos nós e a nossa doença.

“Hoje, anos após termos terminado a terapia, talvez eu finalmente lhe confessasse o seguinte: não sei o que é ser mulher, ser Sofia já me dá bastante trabalho” (FAVERO, 2020, p. 409). A fala de Sofia Favero, uma mulher transexual, nos faz perceber que o que está velado em uma pergunta sobre o que é ser uma mulher vai muito além de ser o que quiser. Ser uma mulher é ser uma mulher saudável: que tem um corpo adequado às possibilidades do que um corpo feminino prevê: útero, seios, ovários, sangue. Portanto,

ser Sofia passava a não ser o mesmo que ser mulher. Patologizar um corpo que não tem útero, ovários e seios é uma forma perversa de dizer que é preciso consertar, tratar, curar.

O primeiro passo, eu arriascaria dizer, é rejeitar a norma. Rejeitar com todas as forças o fato de que há uma forma de viver que seja normal. E rejeitar a norma não significa dizer que ela não exista. Ela existe e impera, mas significa dizer que enquanto educadores, profissionais da saúde, acadêmicos, nós não compactuamos com a noção da normalidade, coma a afirmação constante de que há um único caminho transgeracional e herdado, que seria o modelo a ser vivido, mesmo reconhecendo que ele existe e afeta a todes.

Depois de reconhecer e rejeitá-la, é necessário perceber que quem pisa fora dela não faz mais parte da grande família, da normalidade. E é aí que está a doença - no sentido de precisar tratar - adoece quem sente diariamente a ameaça do sufocamento do armário. “Reprimir emoções faz com que se adoça. Importantíssimo poder conversar sobre esses assuntos para que todos e todas se sintam livres para serem quem desejarem ser” (PROFESSORX PARTICIPANTE).

De fato, o que é adoece, a patologia é esta: tudo aquilo que contraímos e desenvolvemos a partir da negação da nossa identidade, da nossa vivência. Isso explica os altos índices de suicídio na comunidade LGBTQIA+, a falta de vontade de viver, a não inserção em alguns mercados de trabalho e a evasão escolar. A doença está na impossibilidade de lidarmos com a violência avassaladora que nos é destinada dia a dia, por olhares, por palavras, por socos, chutes e negações.

O que complica ainda mais a situação é que o à priori de saúde na clínica é sempre a cisgeneridade (Favero, 2020), e com isso, todo e qualquer percurso sócio-institucional feito por pessoas queers, será intrinsecamente pautado pela lógica de que o nosso adoecimento está ligado a ser quem somos. Se o à priori de saúde da clínica é cisgênero, o à priori da doença é transgênero, travesti, queer.

É natural que esperem de nós a doença, e que lidem com o nosso adoecimento e a nossa morte de maneira tão tranquila e legitimada, natural, já estavam contando com isso. A expectativa de vida de uma pessoa transexual no Brasil hoje é de 36 anos, em uma sociedade que se organiza a partir e para a nossa morte, nada assusta a grande família. “Onde há nação há brutalidade, e onde há brutalidade nós somos o alvo” (MOMBAÇA, 2021, p. 15).

Entendendo que somos o alvo e que dificilmente escaparemos das armadilhas violentas que nos preparam, também podemos compreender os motivos pelos quais realmente adoecemos. O Manual Estatístico e Diagnóstico de Psiquiatria - DSM 5 - descreve a ansiedade como “antecipação de uma ameaça futura” (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION et al, 2014, p. 224). Vidas queers passam vinte e quatro horas do dia antecipando as ameaças e violências. Como alienar-se e não adoecer? Mas se já somos doentes, ainda assim podemos estar doentes dentro da nossa própria doença? Parece que não basta nos adoecerem pela nossa própria existência, também necessitam nos adoecer das mazelas mais contemporâneas (im) possíveis.

Vivemos previndo a ameaça futura. Vivemos esperando o dia e a hora que nos será tirado mais algum direito, vivemos preparadxs - e por isso, algumas vezes até acostomadxs - com a possibilidade de uma bomba estourar ao nosso lado, de um espancamento por andar na rua, de um ódio destilado gratuitamente e sem aviso prévio. Para nós, não existe aviso prévio de morte. Nós, que já nascemos doentes, passamos toda a vida em cuidados paliativos, “desmantelando o escopo da patologização, quando experimentada desde a situação interseccional das vidas desobedientes sexuais e de gênero racializadas - que estão sempre já inscritas por violência” (MOMBAÇA, 2021, p. 56). A patologia nunca foi a nossa vida, sempre foi o que fizeram dela.

3.3 Escapar é pedagógico

No dicionário¹², escapar significa:

1. Livrar-se de algo; fugir de um perigo, de um confinamento, de doença ou de coisa desagradável: escapar da morte.
2. Sair de um lugar; evadir-se: escapar de uma gaiola, da prisão.
3. Deixar de cumprir uma tarefa, uma responsabilidade: escapar do trabalho.

Nos três significados, o dicionário denuncia que quem escapa foge e se salva, mas também deixa de cumprir uma tarefa, uma responsabilidade. Como a culpa que nos jogam desde a tenra idade por não sermos adequadxs para cumprir as nossas tarefas impostas pelo sexo biológico, inventamos o escapar para sobrevivência. E ainda que

¹² Disponível em: <https://www.dicio.com.br/escapante/>

sobrevivamos, vivemos com a dívida de não termos dado conta de cumprir com a tarefa social que nos foi designada.

Somos aqueles e aquelas que não estão classificados como produtos legítimos de uma sociedade que somente admite e legitima filhxs da prole que reproduzem as bases fundamentais de uma cultura que exclui e aniquila quem escapa. A mentira de uma heterossexualidade compulsória atinge toda tentativa de relação, organização, insituição formadora em que ela se apresenta:

Cria, especificamente, uma profunda falsidade, hipocrisia e histeria no diálogo heterossexual, pois toda relação heterossexual é vivida através do nauseante estroboscópio dessa mentira. Ainda que escolhamos nos identificar, ainda que nos achemos categorizadas, ela vibra amplamente e distorce nossas vidas. (RICH, 2010, p. 26)

Por suposto, escapar é fracassar enquanto sujeito e necessariamente significa precisar de redes de apoio que auxiliem a bancar o fracasso enquanto possível para seguir bancando a possibilidade de estar vivx. Não é novidade que muitos sujeitos adultos e crianças queers fazem seus percursos identitátios sozinhx e desamparadx, o que muitas vezes resulta em não suportar a dor de ser quem se é e sucumbir às forças que nos querem aniquilar. Neste sentido, a escola pode insurgir como diferença fundamental: pode ser ela quem coloca-se neste lugar de bancar, junto com a criança, adolescente ou adulto, um lugar onde seja possível a sua existência fracassada.

Muitas das discussões pelas quais perpassam a construção de planos de docência, grades curriculares, conteúdos programáticos, cronogramas de disciplinas, semestres e professorxs giram em torno do que ensinar, o que seria efetivamente pedagógico, quais assuntos e temas seriam importantes serem trazidos à tona para a discussão em uma sala de aula. “As parcialidades que sustentam e mantêm a supremacia branca, o imperialismo, o sexismo e o racismo distorceram a educação a tal ponto que ela deixou de ser uma prática de liberdade” (hooks, 2017, p.33).

Acho que já deu de representatividade seletiva, hoje adulta percebo o quanto na nossa infância isso faltou e tudo nos forma e forma nossos conceitos. Por isso acredito na importância de as escolas estarem abertas para todes e ser de fato espaço de vida e acolhida (PROFESSORX PARTICIPANTE).

Como de costume, posso dizer que não tenho uma receita pronta para isso, e também não poderia dizer exatamente quais os temas dentro de cada atividade curricular teriam

que necessariamente serem abordados. Eu já não saberia o que é curricular, o que faz parte dos Planos Políticos Pedagógicos, o que deve ou não estar na ementa, porque se trata de algo muito maior do que isso, trata-se de produzir vida, de salvar as vidas, de legitimar que existem muitas formas de ser e estar no mundo, e que todas elas necessitam ter espaço. Para ser, amar, desejar, existir. Ainda assim, arrisco-me a lançar mão da ideia de que pedagógico mesmo é escapar.

Escapar das amarras que inviabilizam a construção coletiva e emancipatória de um cronograma de disciplinas que conte com a participação fundamental de quem está ali para o ato de aprender. Não posso me furtar da ideia de uma pedagogia desejosa, uma pedagogia baseada no desejo de aprender daqueles que colocam-se ali no lugar de aprendizes. “As crianças estão sedentas de diálogo e informações coerentes e reflexivas, para que se defendam e sejam críticas diante de situações que ferem o direito como ser humano” (PROFESSORX PARTICIPANTE).

A produção de conhecimento e de informação em massa, sob a lógica cartesiana das certezas e da aniquilação das dúvidas, aniquila também as possibilidades das rachaduras. O direito à reflexão e à construção do diálogo, torna-se fundamental para que se produzam outras práticas na escola, além do simples reflexo, além da imagem refletida no espelho que apenas bate, e volta igual. Mas é necessário ter cuidado, pois o fio da navalha que corta o fracassado está sempre afiado.

É necessário construir possíveis, práticas que sejam capazes de quebrar, trincar, riscar o espelho que é a escola, para que ela seja capaz de refletir outras práticas e outras formas de se viver que não aquelas tão legitimadas. Quando o espelho está em perfeito estado e limpo, ele reflete exatamente o que está dado, mas quando o espelho trinca, ele reflete de outro jeito, quase sempre torto, rachado, imperfeito, diferente da realidade. Ou seja, espelho quebrado abre espaço para a fantasia, para a produção de tudo que vai além da certeza do aqui e agora, produz a esperança de que pela perspectiva da escola, podemos ser outrxs, novos, novas, queers.

Chama a atenção a necessidade de respostas imediatas, de explicações instantâneas, de certezas. Em alguns momentos mais agudos, uma parcela da própria imprensa parece ter se esquecido de fazer perguntas. A exigência de respostas imediatas, respostas que não passem pela investigação e pela interrogação, leva à resposta nenhuma. Porque não há pergunta. Porque o pensamento está ausente, foi substituído pelo

reflexo e pelo imperativo de preencher o vazio com palavras. (BRUM, 2016, p. 08)

Quando prometo, com algumas restrições, no início deste trabalho, construir as pistas possíveis, para a produção de outras formas de vida na escola, penso na imagem do espelho quebrado. Um espelho que escapa da lógica: aquele que não reflete o reflexo. A imagem de uma escola espelho quebrado que escapa à lógica cartesiana, biologizante, patológica, da exclusão e da reprodução.

É bastante provável que uma escola que ensine escapar, vai produzir vidas escapantes. Neste sentido, pode-se afirmar que não há nada mais pedagógico do que escapar: escapar do reflexo sem a reflexão, escapar do fio da navalha que arranca as possibilidades de insurgência, construir pequenos e grandes escapamentos que viabilizam uma escola escapante, que mesmo inserida na norma, escapa dela. “A clareza dos pensamentos traz leveza aos alunos” (PROFESSORX PARTICIPANTE).

Escapar é pedagógico quando torna possível escapar da vida que nos mandaram viver. A vida, tão potente e forte, escapa de muitas formas pelos nossos poros, mesmo quando nos é negada. Talvez nós, existências queers, já nascemos sabendo escapar, talvez essa seja uma habilidade nata para quem nasce escapando. Ou, talvez, a gente vá aprendendo, aos poucos, construindo a certeza de que nosso único modo possível de vida é escapar. Ou escapa, ou armário. Um gera culpa, outro a morte. Reduzir nossos danos é escolher a vida, mesmo que permeada por culpas.

“A cabeça girava e meu corpo vibrava de um jeito estranho, não era nada parecido com uma crise. Era vida, será?” (POLESSO, 2019, p. 160). Será que era a vida que pela primeira vez, Maria Fernanda sentia, aos 34 anos de idade sem nunca ter beijado uma mulher? Será que a sensação de olhos vermelhos, corpo vibrando e tontura, pela primeira vez não era uma crise de epilepsia, e sim, a vida saltando pelos poros até então entupidos e resignados de um corpo controlado. A propósito, não por acaso, o livro chama-se Controle.

Pergunto-me então, como Maria Fernanda não teve na escola este espaço para escapar? Para viver na escola o primeiro beijo, e outras sensações intensas que não fossem as crises de epilepsia permeadas pela vergonha e pela culpa por ser “assim”. Pergunto-me, quantas Marias Fernandas e Malus serão ainda necessárias para que a

escola vá além, para que a escola ressignifique o seu papel tão borrado na vida das infâncias e adolescências queers, e torne-se uma referência para essas vidas?

Decolonizar a escola, vê-la como este lugar que escapa às diversas estruturas opressoras presentes que interseccionam-se e produzem um sofrimento baseado e justificado pela moral colonizada e colonizadora, que pauta-se nos princípios do cis-heteropatriarcado e da moral cristã, apostando em uma pedagogia decolonizada, escapante e viva. Parece muito, parece distante por algumas vezes, parece utópico e também escapante demais para uma escola. Mas quando a escola não escapa, quando não ensina a escapar, ela ensina a reproduzir, a estar no mesmo lugar.

“A polícia de gênero vigia o berço dos seres que estão por nascer, para transformá-los em crianças heterossexuais. A norma ronda os corpos meigos. Se você não é heterossexual, é a morte o que te espera” (PRECIADO E NOGUEIRA, 2013, p. 97). Não pode ser a escola a polícia do gênero, ela precisa escapar. Não pode ser a escola quem aniquila, quem denuncia para a polícia onde estão os escapantes. Precisar ser a escola quem dá abrigo, exílio, quem ajuda a esconder o crime, quem, por fim, ajuda a escapar: da polícia, do silenciamento, do armário, da morte.

3.4 Tornar-se na escola

Lembro do dia em que, na minha escola de freiras, Irmãs Reconstituidoras do Sagrado Coração de Jesus, a madre Pilar nos pediu para desenhar a nossa futura família. Eu tinha sete anos. Desenhei eu casada com a minha melhor amiga, Marta, três crianças e vários cachorros e gatas. Eu tinha imaginado uma utopia sexual, na qual existia casamento para todos, adoção, PMA... Alguns dias depois a escola enviou uma carta à minha casa, aconselhando os meus pais a me levarem a um psiquiatra, para consertar o mais rápido possível o problema de identificação sexual (PRECIADO E NOGUEIRA, 2013, p. 98).

Lembro de me apaixonar por muitas das minhas amigas da escola, e jamais poder contar. Lembro de nos questionários que corriam pelos corredores, salas de aulas, pátio, intervalos e até pelas casas, no espaço de responder a pergunta “por quem você é apaixonada”, eu sempre escrevia que era muito nova pra isso. Mas eu não era, na verdade eu só não podia estar apaixonada por quem eu estava. Porque criaram, a partir do que muitos eram mas eu não era, a possibilidade ser apenas uma coisa, e já que eu não era, eu também não seria mais nada. “Ninguém é, afinal, essencialmente diferente, ninguém é

essencialmente o outro; a diferença é sempre constituída a partir de um dado lugar que se toma como centro e como referência” (LOURO, 2011, p. 65).

Mas se não somos, então quem somos nós na escola? Quem são aqueles que não podem ser em outros lugares? Quem são as Maria Fernandas, Malus, Beatrizes, Sofias e Mombaças? Quem podemos ser? Quem poderíamos ter sido se tivéssemos sido alguém na escola? Lembro-me com cuidado de não entender quem eu era na escola: um ser sem lugar, sem nome, sem sentido, sem desejo de estar ali, sem desejo de estar em lugar algum, sem conseguir estar em alguns lugares.

Não sinto que este é um assunto que flua naturalmente. Alguns professores assumem este papel e são abertos, buscam informações, outros preferem não se pronunciar, ainda acreditam que a "neutralidade" é possível (PROFESSORX PARTICIPANTE)

É possível manter a neutralidade quando se olha para o fato de 85% das crianças transexuais não frequentarem a escola? Porém, quando se para para analisar, logo se vê que faz sentido. Primeiro porque é impossível a sustentação da presença em um espaço em que não podemos ser, segundo porque a nossa ausência está contemplada nos Planos Políticos Pedagógicos.

E digo isso sem medo de ser injusta: precisamos assumir essa responsabilidade enquanto sociedade, assumir a culpa e pagar a conta. Quitar a dívida histórica com as crianças queers. E enquanto este dado de crianças transexuais não frequentarem a escola não sofrer uma queda busca, será possível seguir afirmando que os Planos Políticos Pedagógicos contemplam a nossa ausência. A ausência daqueles e daqueles que não fazem parte dos não marcados, mas que estão marcados como não-normais, e que são lembrados diariamente dos motivos pelos quais tais marcas organizam os prazeres, os direitos, os desejos, os afetamentos, as possibilidades de ser isso ou ser aquilo.

Rosiméri: na sexta série, de onze para doze anos, eu me apaixonei pela professora de Geografia, e por ela sentia um ódio sem tamanho. Não era fácil amar alguém inalcançável e não poder confessar o crime a ninguém, sofrer calada. Não soube lidar, adoeci, sem nem conseguir identificar exatamente os motivos pelos quais eu tinha crises de ansiedade e não dormia, e chorava copiosamente antes de ir para a escola, entrei em um processo perverso e mortífero de aniquilação de mim mesma.

Não dormia, não comia, chorava muito e sentia ódio, ao mesmo tempo em que tinha muito desejo por beijar Rosiméri, a professora. A sugestão da diretora para mim e minha família na época, mesmo sem saber da paixão platônica e dilacerante foi: mudar de escola.

“Porque sou mulher, porque sou Negra, porque sou lésbica, porque sou eu mesma – uma poeta guerreira Negra fazendo seu trabalho. Pergunto: vocês, estão fazendo o seu?” (LORDE, 1978, p. 33). Gosto dessa indagação porque ela tira de mim a responsabilidade de “resolver” a questão, e coloca na roda de uma forma não culposa nem paralisante, a possibilidade dos normais também fazerem o seu trabalho. A diretora da minha escola não fez, e Rosiméri também não, até porque nunca soube de nada, mas também nunca tentou em suas aulas de Geografia, mapear outras coisas que não fossem planícies, oceanos, continentes, magmas. Talvez tenha faltado perceber, para além das rochas, vulcões, regiões e capitais, o mapeamento dos afetos.

Afetos que pareciam flutuar sobre as marcas identitárias. Sempre fui a “CDF”, porque nunca consegui ser coisa mais interessante. Queria ter sido a sapatão, a jogadora de futebol, a apaixonada pela professora, a que lia Nietzsche na sétima série, a Malu. Nunca consegui. Minhas marcas identitárias na escola sempre tiveram a ver com as notas, com conteúdos das disciplinas, com as anotações no caderno e a responsabilidade de entregar os trabalhos nas datas corretas. Eu era responsável, essa também era uma das minhas marcas, disfarçava com responsabilidade o fardo de carregar paixões imorais.

E já que anunciei a tragédia, retomo aqui a introdução: construir pistas. A primeira não poderia vir se não desta forma: “trata-se da articulação dos movimentos sensíveis, teóricos e poéticos que não se encerram no desejo de Ser, mas transbordam e transtornam o movimento de tornar-se” (MOMBAÇA, 2021, p. 133). Eu não era o que me tornei hoje, mas me tornei o que eu era. E o que somos, independente do desejo de ser, está sempre muito ligado à possibilidade de transgredir o que queriam que fôssemos.

Uma pista possível é possibilitar, na escola, na educação, nos processos de ensinar e aprender, nos encontros que acontecem nestes processos e na experiência que só se dá porque acontece, o trânsito insubordinado da vida que transborda, umedece os poros e escapa. Insubornidada, ela faz chorar, ela provoca crises, mas ela precisa passar,

acontecer, ter espaço para existir ali também, dentro da escola. Explicitar o conflito é o primeiro passo para o tornar-se.

Ser na escola passa muito mais pelo que é possível tornar-se do que propriamente, pelo que já somos. Nesse sentido, a escola precisa constituir-se como um espaço de legitimação das nossas existências, e por consequência, das nossas identidades, ainda que essas identidades sejam flexíveis e mutáveis, elas precisam ter espaço de passagem para tornarem-se.

Tenho o cuidado de pensar aqui as lógicas identitárias como muitas vezes aprisionantes, mas também entendidas como processos de identificação, ou de “desidentificação”. No sentido de que não seria necessário dizer-me isso ou aquilo, se politicamente todxs tivessem os mesmos direitos garantidos, se afetivamente todxs tivessem direito à sentir e desejar em liberdade, se culturalmente, todxs morressem sem violência, e se na educação, todxs tivessem o mesmo direito ao aprendizado. A necessidade de se explicar ou de se dizer pela sexualidade faz parte do nosso quadro de pensamento e é herança de uma época pós-psicanalítica, mas essa identidade se coloca apenas porque temos uma necessidade de responder às exigências de uma moldura binária de pensamento (SWAIN, 2002).

Acontece que está nítido que vivemos em um país que está longe de reconhecer as existências como direito, por isso a garantia de identidades escapantes e legitimadas precisa passar pela escola. Por suposto, se dizer queer é uma identidade social que é fruto de uma cultura heterossexista. Ainda assim, é necessário poder dizer. O silêncio é usado como arma para conjurar o medo que desperta, uma vez que destoar é ir contra a norma, é expôr-se a agressão, é desafiar e combater os corpos disciplinados.

Todos os alunos transgênero que tive abandonaram a escola. Adolescentes criativos e potentes, não identificaram que seu lugar era na escola. Muitas falas preconceituosas em relação a estes estudantes foram feitas pelos próprios professores e equipe diretivas, deboche, ninguém se preocupou com essa evasão (PROFESSORX PARTICIPANTE).

O “seu lugar” não era a escola. Não era a família, não era o trabalho, não era a rua. O “seu lugar” era e é onde então? Este não lugar liga diretamente ao não ser. Por isso, os escapantes na escola, são aqueles que não são. Supostamente inclusos em uma dança que mantém sempre o mesmo ritmo, a verdade é que nunca nos chamaram para dançar,

sempre tentaram dizer que não dançamos junto porque não sabíamos o ritmo, nem aprendemos a coreografia.

Quando se troca o ritmo, se escapa, se cria, talvez, uma nova melodia, uma nova possibilidade de dança, outras coreografias com movimentos desritmados e não alinhados, para que se interrompa uma música que já dura toda a nossa história, provoca-se caos, crise, tão necessários no processo de tornar-se, quando estamos falando das vidas queers.

“É possível que em toda transição haja, mais ou menos implícita, a demanda por um fim de mundo, sem que isso signifique, senão como promessa, a garantia de um mundo a seguir” (MOMBAÇA, 2021, p. 60). O fim do mundo de trocar de dança, a não certeza de uma nova música, nem sequer uma nova coreografia, nem por isso a desistência de tentar findar com a música, não temos outra opção. Também somos na escola, os que não tem opção. Não temos mais a opção de não sermos o que queremos nos tornar. Não temos mais a opção de não parar a música, mudar a coreografia. Sempre que nos matam um pouquinho, é para evitar o tornar-se.

Por não sermos ainda, a escola espera pouco de nós. Não nos colocam expectativas, não nos depositam as melhores notas, nem os melhores conceitos, nem os melhores elogios. O fato de estarmos ali, já superou as expectativas da escola. Faz-se necessário fazer da escola um novo espaço de tornar-se. Um espaço seguro que produz um tornar-se mais dançante, íntegro, insubmisso, vivo. Um tornar-se que não necessariamente produza uma identidade nova, mas que produza o processo de tornar-se, pois o não aprisionamento das marcas identitárias também é fundamental para que o termo queer faça sentido: não enquadrar, mas abrir, deslocar, desnortatizar, escapar.

“Diferenças, distinções, desigualdades... A escola entende disso. Na verdade, a escola produz isso” (LOURO, 1997, p. 57). Pensar a diferença como talvez um modo novo de fazer tornar. E não que precisemos ser. Creio que muito antes, precisamos encontrar o espaço, o território em que nosso processo de nascimento e criação seja possível, não seja reprimido. Não precisamos e nem queremos ser sucesso, já estamos fracassados. Queremos sim, o espaço de uma constituição garantida, sem violência, sem discriminação, sem repressão. Queremos o território do tornar-se, o direito de estar na escola tornando-se.

Capítulo/artigo/corpo 3

4. Educação e desafios contemporâneos: instituições que matam e salvam

4.1 Precipitação das estruturas

Há dias chego em casa depois de algumas horas fora e a única vontade que tenho é deitar na cama, ficar sozinha, silenciar. Sinto uma exaustão tão grande do pensar que mal consigo olhar para o computador. Tenho pressa em ficar só, em não falar, em não precisar palavrear os motivos do desânimo. Dou-me conta de que nem fiz tanto, não acordei cedo, nem precisei carregar peso. A exaustão é produzida e produtora: ela é resultado e produto de uma cultura que nos força o constante des-lugar, des-estabilizar, questionar, des-estruturar, e por incrível que pareça, isso cansa. Estamos em um constante procurar, mesmo sabendo que não encontraremos.

É duro dar-se conta da perversidade que é ser um ser sem lugar, porque já não basta mais direitos arrombados, assassinatos e espancamentos, a perversão é tão grande que nos querem tirar o que de melhor sabíamos fazer: desejar. Querem que nós, por conta própria e nossa conta em risco, não queiramos mais viver. Sucumbir dá vontade, mas seria cafajeste. Ser corajosa o tempo todo é cansativo. Vivo cansada.

É duro, mas necessário dar-se conta deste não lugar. O projeto que coloca em xeque constantemente a nossa possibilidade de existência corre muito rápido ao nosso lado, e por mais que nos esforcemos, fica difícil escapar dele. Cansa passar uma vida inteira correndo não para alcançar algum objetivo, sonho ou amor, mas para escapar da navalha afiada da morte. Não temos opção, ou se vive assim, ou não se vive. Por isso talvez a escrita possa ter declínios de tesão e de qualidade, escrever sobre si é encontrar muitas navalhas no percurso.

“E quando a gente quebra, que infraestruturas se precipitam, as do cuidado ou do descarte?” (MOMBAÇA, 2021, p. 30). Invariavelmente, as estruturas que se precipitam por e sobre nós, são as do descarte. Sem medo de cair no fatalismo ou de render-me a uma escrita da queixa, afirmo isso porque o objetivo sempre é nos descartar, e por isso nos cansam tanto. Acontece que, algumas instituições, ainda mais do que outras, atravessam-se violentamente na nossa existência, com o objetivo claro e límpido: nos deixar tão cansados a ponto de não saber mais onde está o desejo. Ainda que

reconheçamos que como um todo, nossa sociedade está organizada para isso. “As assimetrias entre posicionalidades não consistem numa falha da sociedade instituída, mas, mais precisamente, na matéria mesma de que tal sociedade é feita” (MOMBAÇA, 2021, p. 39).

As estruturas/instituições que se precipitam sobre as nossas cabeças são ardilosas e organizadas, comprometidas com a nossa aniquilação sem que isso signifique um grande impacto social. Não querem que o massacre seja pauta. Por isso, o massacre nem sempre é explícito, muitas vezes ele é implícito e sutil, e fica subentendido na perpetuação dos discursos de homogeneização, nas práticas pedagógicas curriculares indutoras do aprisionamento do pensamento, na tentativa falida de igualar pessoas em uma sociedade projetada para que quanto mais acreditemos que somos todos iguais, menos pensemos sobre a importância da diferença.

“Somos os sobreviventes de uma tentativa sistemática e política de infanticídio: sobrevivemos à tentativa de matar em nós, quando ainda não éramos adultos e nem podíamos nos defender, a multiplicidade radical da vida” (PRECIADO, 2020, p. 24). Muito bem articulada sob a ótica colonial e capitalista, a sociedade brasileira evidencia a perversão, basta estarmos atentos e atentas a todos os sinais. Os marcadores da diferença são sempre sociais, construídos e legitimados por uma história machista, misógina e inventada.

O mundo social constrói o corpo como realidade sexuada e como depositário de princípios de visão e de divisão sexualizantes. Esse programa social de percepção incorporada aplica-se a todas as coisas do mundo e, antes de tudo, ao próprio corpo, em sua realidade biológica: é ele que constrói a diferença entre os sexos biológicos, conformando-a aos princípios de uma visão mítica do mundo, enraizada na relação arbitrária de dominação dos homens sobre as mulheres, ela mesma inscrita, com a divisão do trabalho, na realidade da ordem social. (BOURDIEU, 2002, p. 18, 20).

Importante reconhecer que os marcadores identitários-sociais da diferença só existem em uma sociedade bio-política, que binariza sujeitos e seus afetos a partir de corpos que reproduzem ou não. Institucionalizar tais marcadores e pensar as responsabilidades das instituições para manutenção e/ou desconstrução destes marcadores é algo que necessita urgência, para a reorganização e possível redistribuição das violências. Preciado (2020) novamente auxilia neste entendimento quando diz que o que se reproduz por meio destas

instituições é o capital, e não a vida, e que fora desta epistemologia colonial e capitalista, tais marcadores não existiriam.

Neste sentido, fica o convite a pensar a responsabilidade da família, da religião, da educação, da mídia, no fortalecimento e na reprodução destes marcadores, que buscam o nosso cansaço mortal, bem como na possível desestruturação e na rachadura deles, para que não nos aprisionem, não nos matem, não nos marquem o tempo todo, e nos possibilitem outras formas possíveis desestruturadas de existências: queers.

4.2 Instituições que matam

4.2.1 A grande família

São absurdamente aniquiladoras algumas instituições, e o fato de, de onde deveria vir acolhimento, vir a morte, torna a dor e o desespero ainda maiores. A família, a tradicional, a grande família, inventada e perpetuada desta forma nada queer e tão enquadrada, aquela da qual jamais fizemos ou faremos parte, tornou-se um dos nossos principais medos, um dos maiores inimigos, talvez a maior das ameaças instituídas, quando na verdade deveria nos garantir o básico: sobrevivência. Muitas são as histórias de saídas do núcleo familiar hetero-capitalista-patriarcal como única forma de existência possível para vidas queers.

Família remete à incorporação de relações de consanguinidade e aliança em torno da normatização de identificação de pares com relações sexuais estabelecidas, que empregam noções hierarquizadas de gênero, de geração e de idade para construir referências de pertencimento social a grupos. Desta forma, quem faz parte da família produz, reproduz, distribui, herda e reside (SCOTT, 2005 p.79).

Esta família, tão fortemente arraigada no seio desta sociedade patriarcal, manipula desde o aprisionamento do desejo até a procriação e manutenção dos sobrenomes. Como pode uma mulher não reproduzir? Como pode uma mulher não ser mulher? Como pode um homem não ser homem? Como pode o pressuposto da relação não ser os netos, bisnetos e a perpetuação dos valores familiares? Como pode ter renegado a tudo isso se foi neste seio límpido que elx foi criado?

Queremos também ser os residentes e herdeirxs, queremos compartilhar da consanguinidade nesta aliança que traz pertencimento, acolhimento, reconhecimento, afeto e cuidado. Queremos estar nesta lista de contempladxs com o merecimento de pertencer a um lar, um lugar de si, um esconderijo seguro e aquecido para quando nos

dedurarem, queremos fazer parte, não estar a parte, de novo. “Muitos falam uma vez na família e depois se calam. Percebo que esses que se fecham são inseguros e mais suscetíveis a introspecção e a aceitarem diferentes tipos de bullying” (PROFESSORX PARTICIPANTE).

É óbvio que estaremos mais suscetíveis ao bullying, à violência, à não legitimação da nossa própria existência quando quem nos trouxe ao mundo e nos fez biologicamente e geneticamente quem somos, nos diz que não somos. Não há espaço para o questionamento quando o próprio significa o fim dos laços sanguíneos. Não há espaço, neste atual modelo de família nuclear, para que se pense outros modos de agrupamento de pessoas, que não aquele baseado na constituição cristã: um homem e uma mulher aptos a reprodução. As perguntas acima mencionadas necessitam mudar: o que faz de uma mulher, uma mulher? O que faz de um homem, um homem? Como o pressuposto de qualquer relação ser algo além do desejo e do afeto?

Por suposto, não se muda uma lógica histórica de um dia para o outro, mas também, a mesma se mantém justamente porque por trás dela há uma das mais fortes e estruturadas instituições de regulamentação social. A família, esta grande família da qual jamais fizemos parte, é uma das principais responsáveis pela constituição em que vivemos: uma sociedade egocêntrica, machista, homofóbica, transfóbica e patriarcal.

Portanto, desestruturar esta base tão sólida, é provocar um fim de mundo. O fim de um mundo, construído, reformado, estabelecido, legitimado e perpetuado por quem jamais sentiu na pele o não fazer parte. Um mundo que parece estar falindo, mas que ainda nos mata aos poucos e com frequência. Um mundo que se apresenta nefasto e triste, ainda que muito bem organizado e solidificado.

“A penalidade perpétua que atravessa todos os pontos e controla todos os instantes das instituições disciplinares compara, diferencia, hierarquiza, homogeniza, exclui. Em uma palavra, ela normaliza” (FOUCAULT, 1987, p. 193). Pagamos a pena perpétua por estar de fora quando a régua balizadora inventou o que estaria dentro o que estaria fora. Ficamos a ver navios quando normalizaram apenas um tipo de família e escolheram quem poderia fazer perta dela, e estamos até hoje esperando uma espécie de reparação histórica que parece demorar muito ainda a chegar.

Além da pena perpétua, também somos mais uma vez assassinados, desta vez nas nossas próprias famílias. Há um luto a ser elaborado, tanto por nós, quanto por eles. Lá se foi o filho sonhado, planejado, investido, possível caso de sucesso (Savin-Williams, 2001). Ficou o que sobrou de nós: aquilo que conseguimos ser, o fracasso que tanto desejamos. A culpa, o medo, o pacto do silenciamento em deixar as coisas como estão e nunca mais falar sobre o assunto, todas formas (in)conjuráveis de sofrimento propostas à nós como alternativas possíveis caso quisermos seguir minimamente convivendo com quem tem o mesmo sangue.

Quando apontadas as maiores dificuldades para se trabalhar temas como sexualidades dentro da escola, as respostas são uníssonas: medo da repressão das famílias, algumas famílias podem vir a escolar queixarem-se, medo da represália familiar. A questão que fica é bastante objetiva: o que amedronta tanto esta instituição a ponto de não deixar mencionar tais assuntos na educação de sua prole? Parece-me muito nítido que o medo da redistribuição das violências e de necessitar sair de um lugar de privilégio grita muito mais alto do que quaisquer outras possibilidades absurdas mas que fazem-se sempre presentes: hiperssexualização das nossas crianças, ideologia de gênero¹³, pedofilia, etc.

“Não há negociação ou reforma possível, portanto. A luta da descolonização é sempre uma luta pela abolição do ponto de vista do colonizador e, conseqüentemente, é uma luta pelo fim do mundo - o fim de um mundo. Fim do mundo como o conhecemos” (MOMBAÇA, 2021, p. 89). Não queremos negociar, não queremos tratativas, não queremos oportunidades de merecimento, do enquadramento, não prometemos nada do que queiram ouvir, nós queremos a desestruturação total: desde a base que sustenta tudo, até o topo que é o resultado desta opressão sem fim.

Não vamos destruir suas famílias, nem queremos roubar seus filhos e filhas e doutriná-los a partir da nossa crença de um outro mundo possível, mas esperamos o fim deste núcleo familiar fechado, ortodoxo e cristão do qual jamais conseguimos fazer parte, ainda que alguns tenhamos nos submetido às inacreditáveis tentativas de suborno.

¹³ Termo criado no meio neo-conservador católico para referir-se à ideia de que falando sobre gênero e sexualidade, crianças e adolescentes estariam sendo influenciados a virarem gays, lésbicas, transexuais, travestis, queers.

Para além das perguntas acima que necessitam de mudança, creio que há mais uma que necessita ser acrescentada: o que torna um grupo de pessoas uma família?

Talvez esta seja uma das principais pistas para pensar na problemática familiar em relação à produção das vidas queers: o que é família e quem são as famílias das quais estamos falando? É urgente a problematização de novos arranjos parentais: monoparentais, homoparentais, com ausências de figuras, com a presença de outras e novas figuras. Novos arranjos que possibilitem novas experiências, novas formas de pensar a constituição daquilo que possa vir a ser família.

Sem dúvidas, para que esses novos arranjos constituam-se, é necessário o fim de um mundo - este que conhecemos e que impera há tantos anos - mas não creio ser possível outra forma a não ser esta. Uma reconstituição completa, deslocando lugares de privilégio e desestruturando as bases sólidas do que constitui esta trama de subordinação: o enlace apertado e muito bem amarrado de todas as instituições que funcionam exatamente para manter essa ordem. Sem o questionamento da família, da religião, da mídia, da educação, não é possível construir um novo tecido social.

Ampliar os horizontes da família, saindo deste modelo nuclear de família tradicional burguesa, entendendo que os contornos familiares não podem ser limitados, e precisam borrar as bordas. Quando se leva em consideração a ideia de que os processos de subjetivação ocorrem a partir do entrecruzamento de múltiplos componentes que se encontram, desencontram, e com isso, constroem quem somos, é impossível que pensemos em único modelo de família, é impossível que se admita como legítimo apenas uma forma de viver a família (Galan, 2009). É a partir deste borrar de bordas que se torna possível levar a discussão das existências queers também para dentro das famílias. Precisamos de famílias queers, vivas, legítimas e legitimadas.

4.2.2 Vamos queimar no inferno

Entre a oração e a ereção
Ora são, ora não são
Unção, benção, sem nação
Mesmo que não nasçam
Mas vivem e vivem e vem
(Linn da Quebrada, 2016)

Sempre que eu penso no que pode acontecer comigo depois que eu morrer, porque não é possível que eu não possa descansar um pouco depois de ter vivido uma vida tão cheia de insurgências, imagino a seguinte cena: um tobogã gigante, e eu escorregando até o inferno ao som de Glória Groove. Lá, me esperando, todxs xs viados e sapatões possíveis que partiram antes de mim. E todxs comemorando juntxs o inferno. Porque uma certeza tenho: para o céu, nós não vamos.

O céu nos foi negado desde o momento em que fomos concebidos: sempre ficou explícito que este tipo de anomalia não alcança o reino dos céus. Depois de algum tempo eu entendi que nem queria chegar porque se só vai para lá quem dizem que vai, imaginem o tipo de gente que o céu recebe. Eu prefiro o fogo do inferno, e convido quem quiser a ir comigo.

Neste sentido, a instituição religião, em especial as matrizes religiosas pautadas nas práticas judaico-cristãs, costumam ser aniquiladoras também. Pontuo isso para que fique explícito as dificuldades que ainda são presentes no cotidiano de quem busca redistribuir as violências, entendendo que é importante nomear, entender, problematizar, estudar para buscar desestruturar. Neste sentido, entender a instituição religião como uma importante balizadora de pactos sociais, civilizatórios, morais e por consequência, identitários e discriminatórios, é essencial para a retomada da discussão sobre nós e eles. Renegados que somos, decidimos não pagar as indulgências para ir ao céu: não vamos carregar a cruz em silêncio para nos salvar deste pecado. Não queremos ser salvos, queremos o pecado.

Uma das existências que quero encontrar no inferno é a Linn da Quebrada. De nome civil Lina Pereira, Linn da Quebrada é uma mulher, negra e transexual, nascida na periferia de São Paulo. Foi criada dentro de uma religião cristã, e por muito tempo condenada por ela por sua sexualidade e seu modo de se comportar. Enfrentou muitos preconceitos dentro e fora de sua família e buscou construir estratégias para seu fortalecimento diante das amarras heteronormativas, que, por muito tempo, deixaram-na sem conseguir manifestar sua sexualidade, seu trabalho e sua identidade.

No final do ano de 2019, Linn da Quebrada lançou a música chamada “Oração”¹⁴, e gravou o clipe da música somente com mulheres negras e transexuais, em uma igreja em ruínas. Mesmo tendo autorização para a gravação, enfrentou repressão policial durante as gravações, sendo necessário explicar os procedimentos do clipe em todas as vezes em que ela e sua equipe foram abordadas pela polícia, que tentou interromper a gravação diversas vezes. A música inicia com as seguintes frases: “Eu determino que termine aqui e agora. Que termine em mim, mas que não acabe comigo. (...) Que amanhã seja diferente para elas, que haja outros problemas e outras soluções”.

O clipe, além de ser um manifesto pelas vidas de mulheres transexuais, também denuncia, de diversas maneiras, todas as violências sofridas por elas, ressaltando a conturbada relação entre a instituição religião e a aniquilação de outras formas de corpos, vidas e afetividades que não aquelas adaptadas a uma normativa cristã. Em uma determinada estrofe da música, Linn denuncia: “Não queimem as bruxas, mas que amem as bichas”. A própria cantora considera a música como um hino à comunidade LGBTQIA+.

O sagrado, os templos de Deus - este Deus que é onipotente, onipresente, tudo vê e nos julgará ao fim dos nossos dias terrenos - a relação com este sagrado, mesmo que em ruínas, nos foi negada até mesmo para a produção da arte enquanto dispositivo de manifestação. A democracia e a liberdade religiosa já não andam mais juntas desde que o estado deixou de ser laico. A criação de um ser estranho pela sociedade é necessária para a manutenção do padrão daqueles seres que seriam os normais. Assim, construir um corpo estranho, um estereótipo do diferente, que é normalmente carregado de estigmas e violências, é necessário para que a religião siga cumprindo seu papel de decidir quem entra ou não no reino dos céus.

A dicotomia entre “nós e os outros”, em que existe uma crença de um povo eleito, soberano e predestinado - atravessamento direto da religião nesse processo, especialmente do cristianismo - faz com que esse povo pense-se e se narre-se superior aos demais. Tal crença, portanto, contém o germe da intolerância, e é frequentemente utilizada para justificar atos de preconceito e violência contra aqueles que são

¹⁴ Música e clipe disponíveis em: <https://www.youtube.com/watch?v=y5rY2N1XuLI>

considerados os outros. O gérmen da morte frequentemente plantado pela instituição religião, por meio de templos e igrejas faz com que busquem a nossa aniquilação como a garantia do seu próprio céu. Querem viver em um mundo sem pecados, e nós somos a personificação do pecado, dos demônios e dos seus próprios infernos “a chegada de um estranho em determinadas comunidades pode ser considerada como quebra da ordem social” (LARAIA, 2007, p. 73).

Linn da Quebrada faz parte dos outros, deste grupo de pessoas chamado queers, pecadorxs, intrusivxs, perturbadorxs da ordem, fora das leis de Deus. Pode-se pensar, dessa forma, que o fato de narrar-se e o modo como narram-se os grupos minoritários perturbam essa ordem preestabelecida e hegemônica. E isso justifica o fato de, por muito tempo, termos sido silenciadxs e, até mesmo, aniquiladxs do tecido social. Parece que as bruxas ainda estão sendo queimadas nas nossas peles.

Diferentemente do povo eleito, soberano e predestinado, nós jamais fomos eleitxs, e jamais provaremos da deliciosa sensação da ressurreição. Nossa possibilidade, terrena, de corpo, mas também de alma, e por isso mesmo, também sagrada, é a insurreição. Em certa instância, parece-me mais justo que nos seja dada a insurreição como única possibilidade, uma vez que ressuscitar significaria ir para um céu que assim como a terra, não nos ama. Mais justo ir para o inferno e encontrar Linn da Quebrada, do que chegar ao reino dos céus e encontrar alguém que siga tentando perdoar-nos por todos os nossos pecados.

Insurgência, que exatamente ao contrário de ressurreição, significa justamente a potência do apostar na dúvida, na incerteza, na transitoriedade, na inconstância, no espanto, na surpresa, no que pode vir a ser, ou não (Rolnik, 2019). Insurgência que conceitualmente, nada tem a ver com as garantias de um depois, com a certeza e o inequívoco de uma ressurreição programada e garantida àqueles que comungaram todos os domingos com a garantia de um Deus que é fiel. Insurgência que tem muito mais a ver com o percurso e com as descobertas do que propriamente com os resultados disso. Insurgência quem tem muito mais a ver com a nossa (in)fidelidade a nós mesmos, quando se jura fidelidade a um Deus que pune.

E neste sentido, podemos pensar as insurgências cotidianas e micropolíticas como fundamentais para a nossa existência e para a tematização das experiências cotidianas

como a nossa própria salvação: terrena e também de almas. Somos nós mesmos quem nós salvamos, já que não há um Deus por nós. Insurgimos quando Linn da Quebrada grava um clipe somente com mulheres transexuais proclamando que não queimem as bruxas, mas que amem as bichas, insurgimos quando provocamos rachaduras nas certezas do cristianismo que não admite amor que não reproduza, insurgimos quando insistimos em não querer ressuscitar.

A religião como um atravessamento balizador das práticas pedagógicas também necessita ser revista. Diversos são os relatos de “doutrinações ideológicas” nas escolas, quando na verdade, a tentativa desta nomenclatura é justamente a aniquilação de qualquer escape que ainda não tenha sido doutrinado. A ideia de que, quem faz a doutrinação é a educação, e não a religião, está fazendo parte de um plano muito bem elaborado, que principalmente nos anos recentes, vem surtindo efeitos devastadores nas escolas.

Não se trata mais de não falar sobre tais assuntos, trata-se de crianças e adolescentes morrendo. A ideia deturpada de que a doutrinação ideológica vem fazendo da escola uma máquina de produção de homossexuais, transexuais e travestis é utilizada para combater as reflexões sobre estas temáticas, a problematização destes assuntos e a luta por direitos e mudanças sociais (SEVILLA; SEFFNER, 2017).

A insegurança e o medo de alguns educadores e educadoras em não somente abordar possibilidades de outras formas de vida e afeto na escola, mas também oportunizar um espaço seguro para que crianças e adolescentes possam interagir com as suas próprias vidas de uma maneira potente e íntegra, acaba fazendo com que cresçam os índices de evasão escolar e de igrejas capturando subjetividades.

O sagrado troca de lugar: deixa de ser nosso corpo, nossa insurgência e passa a ser a cruz que nos mandam carregar. O mais perverso é que nos dizem que conseguiremos salvação se carregarmos a nossa cruz em silêncio. O mais perverso é que nos dizem que até teríamos chance de um dia ressuscitar, mas somente se abirmos mão da insurgência. Somente se carregarmos a cruz de ser quem somos.

Gosto de pensar em uma escola da insurgência. Em uma escola que seja a igreja das pessoas queers, mas que faça o trabalho exatamente oposto à religião: ensine as pessoas a não ressuscitarem. Porque só ressuscita quem morre, enquanto a insurgência somente acontece quando ainda há vida. É muito difícil escrever sobre insurgência e ressurreição

exatamente no lugar onde se morreu, onde eu morri, e onde ainda morrem tantas vidas queers, mas é necessário.

É necessário porque alguém precisa denunciar que nos roubam o sagrado e o transformam em calvário. Quando a nossa cruz é o que nos faz ressuscitar, que ela deixe de ser cruz, e se torne finalmente o pecado. Queremos o pecado, queremos ser pecadores e pecadoras em um reino dos céus que só admite as benevolências daqueles e daquelas que adequaram-se à não morder o fruto proibido. Pois nós mordemos, e morderemos sempre que disso depender a nossa existência.

É necessário porque não temos mais tempo de crer em vida após a morte, enquanto morremos aos 35 anos. É necessário porque a nossa vida é agora, porque as deusas que nos protegem não são as mesmas que protegem eles, e por isso, queremos legitimá-las: há em nós, muito mais fé do que neles.

Precisamos que a escola seja o próprio inferno: que faça queimar sem piedade a integridade dos que largaram a vida para ressuscitar. Precisamos que a escola produza a interpérie, a incerteza, que desloque e que reconheça outros modos de ser cristão. Se as chagas de Cristo não foram suficientes para nos salvar, o que mais será?

4.2.3 Quem sou eu na Globo

Quando a Fernanda Gentil, no auge da sua carreira global, com dois filhos, um ex marido, muito dinheiro e um alcance enorme para todos os tipos de públicos, desde as crianças até os idosos, veio a público em uma rede social para informar que estava namorando uma mulher, minha mãe entendeu que eu também poderia ser sapatão. Afinal, se a Fernanda Gentil, inteligente, bonita e rica trabalhando na rede Globo era, porque a filha dela não podia ser?

O fato é que mesmo eu não querendo ser a Fernanda Gentil, a sua imagem surge como uma possibilidade de ser lésbica e ter família - aquela família que não nos é autorizada - dinheiro, trabalho e até o famigerado sucesso. E ainda que Fernanda Gentil jamais tenha se dito um ser com bandeiras hasteadas e militante pelos nossos direitos - fazendo parte daquele vasto time de pessoas públicas e privadas que canta “somos todos humanos portanto todos iguais” - sua vida, pública e privada, vem sendo política.

Alguns meses depois, Fernanda aparece com seu pai, Maurício Gentil, no programa da Fátimas Bernardes, onde ele, falando sobre o novo relacionamento da filha, diz que precisou descobrir-se um outro tipo de pai, de uma outra filha. Disse que precisou nascer ali um outro pai, assim como também precisou entender que havia nascido uma nova filha. E foi ali que meu pai ficou sabendo que eu era lésbica, quando eu disse que achava que ele também ia precisar se descobrir um outro pai. Tudo bem, meu pai disse que já sabia e que nem ia precisar nascer de novo, ele é pai de todas as Malus possíveis.

Voltando para Fernanda, seu caso parece ser um bom exemplo de quem nós queremos e precisamos ser na rede Globo, que passou tantos anos nos submetendo à ridicularizações, estereotipação de todxs xs corpos e corpos queers possíveis: gays, lésbicos, transexuais, travestis, etc. Por muitos anos e incansavelmente, a grande mídia contou uma única história sobre as existências escapantes, sobre quem seríamos nós. Hoje, necessita fazer uma reparação histórica e aliar-se nesta luta por destruição de um mundo - este mundo que vivemos - e construir um outro em que possamos ser livres destes estereótipos que nos amarram.

Nas grandes mídias, vivemos em uma espécie de entre-lugar: somos vistos, somos lembrados, mas em um lugar de subalternidade, como aqueles e aquelas que servem como o oposto do sucesso: todxs que deram errado, estão nesse grupo. Logo, quem não faz parte desta chamada minoria, tem chances de sucesso. Muitos exemplos são possíveis de citar aqui, que marcaram as histórias de fracasso com sucesso, que acompanharam como uma sombra muitas existências escapantes, e que assombraram à nós e à nossa grande família como aquilo que viríamos a ser caso seguissemos naquele caminho desviante.

Representatividade faz todo o sentido, assim como falaste dos termos muitas vezes preconceituosos que usamos com a melhor das intenções. Na escola temos sentido a necessidade de estudar sobre as doces violências utilizadas, muitas vezes como forma de minimizar a dor do outro, tentando normatizar os sentimentos e "enquadrar culturalmente" em normas que vão passando de geração para geração. É preciso refletir, falar, para sair desse lugar do padrão e da normativa que seguem perpetuando e arraigadas a cultura (PROFESSORX PARTICIPANTE).

As doces violências não são doces, mas as vezes são sutis, dando a entender que nem violências são. Por muito tempo e ainda agora, a mídia intermedia este papel de docilizar

nossa estereotipação e propagar este enquadramento, repercutindo padrões, normalidades e anormalidades. Não queremos mais fazer parte, queremos o protagonismo.

Dos Santos (2017) auxilia neste pensamento quando diz que a cultura deve ser uma plataforma firme de combate aos preconceitos, contribuindo para a dignidade e a afirmação e legitimação de todas as identidades e existências. E isso só se dá por meio da possibilidade de todXs construírem suas identidades sociais com liberdade e autonomia, podendo viver seus corpos, sexualidades e culturas com segurança e com todos os seus direitos garantidos. Faz-se necessário garantir que todxs possam narrar-se, contando a sua identidade e representando seus grupos identitários de forma congruente, segura e democrática, sem ameaças ou rechaços.

Tamanco - personagem interpretada por Martnália na minissérie Pé na Cova, na rede Globo, que ficou no ar entre 2013 e 2016, é um destes exemplos de assombros na minha vida. O primeiro e único papel interpretado por Martnália em rede nacional, que por coincidência ou não, é uma mulher lésbica. Uma personagem desfeminizada, isto é, sem as características atribuídas historicamente ao gênero feminino: cabelo curto, desastrada e sempre suja de graxa, que passa a minissérie inteira usando um macacão de mecânico. O apelido é, obviamente, uma alusão ao termo “sapatão”. Eu lembro, de quando adolescente, Martnália ser a única personagem lésbica presente nos canais abertos, e lembro também de não me sentir representada por aquele tipo de mulher lésbica, e minha família ria dela e ridicularizava seus trejeitos.

“A inscrição do sujeito pertencente a uma minoria, situada em algum lugar entre o visível demais e o não visível o bastante, faz pensar sobre o conceito de diferença cultural, que é diferente de diversidade” (BHABHA, 2011, p. 53). Há, entre diferença cultural e diversidade, um entrelugar: aquele em que, ainda que sejam vistxs, são lembradx e discriminadx. Há na diversidade uma potência para criação e reinvenção, contrário a essa diferença cultural, em que se colocam os sujeitos apenas nesse espaço de estranho e de ameaça àqueles que são os iguais.

“O que faz de um homem um homem? O que nos faz o que somos? A narrativa, a capacidade de nos contarmos. Mas não só. O tornar-se homem só se completa na possibilidade de ser lido, no reconhecimento da história de cada um pelo outro” (BRUM, 2016, p. 130). A maneira como são contadas determinadas histórias, as nossas histórias,

constrói quem nós somos no imaginário social. É isso o que nos faz homens, mulheres, transexuais, travestis. Isso significa pensar que a mídia precisa deixar que nós contemos a nossa própria história, não aderindo ao projeto discriminatório e instituído que coloca personagens, caricaturas e coadjuvantes nos interpretando. Não queremos mais ser interpretadxs, queremos existir integralmente nas grandes mídias, entrando na casa de todas as famílias e ameaçando a integridade destes lares monótonos e sedentos de vida.

Preciso citar Linn da Quebrada, Johnny Hooker, Gal Costa, Simone, Ney Matogrosso, Marluci Meinhart, Diogo Duarte Ibrahim, Maria Paula Neiman, Alissom Roberto Brum, Caroline Willig, Carolina Mombach, Jéssica Lopes, quantas e múltiplas possíveis existências queers, contadas e não contadas, vistas e não vistas, famosas e não famosas, julgadas e conjuradas como existências queers, potentes, fervorosas, não enquadradas, algumas com suas histórias contadas, outras não.

O que pode-se afirmar é que as histórias contadas na mídia possibilitaram que as histórias no bairro, na escola, na família, e até mesmo na igreja, acontecessem. Quantas Tamancos não estranharam-se a partir da provocação do estereótipo da série global? Ou ainda, quantas Tamancos não sofreram a partir de tal provocação? Do sofrimento à possibilidade de insurgir, temos um percurso perigoso, mas potente. Por isso é importante afirmar a necessidade de que não nos deixem no escombros e de que nos encontrem na rede Globo como protagonistas de um novo mundo.

O que também pode-se afirmar é que precisamos de representatividade, e não da representação, da apresentação, da atuação, sem estereótipos. Precisamos usufruir do direito de nos auto-narrar, como vocês, como os outros, como os heteronormativos, como os casos de sucesso. Precisamos usufruir do direito de contar as nossas próprias histórias, sem que alguém a conte por nós, porque mesmo bem interpretada, é uma interpretação, e não a nossa. Precisamos do nosso espaço, da nossa vez. Precisamos que a mídia televisiva, audiovisual, jornalística ou das redes sociais, nos reconheça como legítimos, produzidos e produtores neste mundo tão construído e arraigado pela manipulação das massas. Precisamos desta parceria na construção de outros mundos, possíveis e legítimos para todxs.

4.3 Pode a educação salvar?

Bem fez o jarro que, segundos antes de rachar a cabeça do asqueroso sr. Dantas, carregava flores. Para defender a delicadeza não deve faltar agressividade, minha querida. (MADEIRA, 2022, p. 33)

É preciso ter muita coragem, e ao mesmo tempo, uma agressiva força de vida e de resistência para defender com unhas e dentes a delicadeza e a própria vida. De modo que a educação precisa muitas vezes ser forte o suficiente e não poupar na radicalidade nem das palavras, nem das ações, e opôr-se ao controle dos corpos e das formas de vida. Pensando neste sentido, é necessário termos a mesma forma violenta e avassaladora no combate ao silenciamento e aos armários, que eles têm na manutenção deles e na tentativa do nosso confinamento. Quando o conflito é explícito, a violência é para desconstrução e construção.

Contudo, algumas das estruturas edificadas também podem e devem estruturar-se sobre as nossas cabeças como redes de cuidado, e não descarte. E para isto, deve estar a educação. Como uma grande teia protetora que ampara as nossas cabeças quando lançados os mísseis que vêm de cima, a educação pode (e acredito que precise) ser quem segura o míssil e o devolve, com seu próprio impulso, para o lugar de onde ele veio.

Violentamente equipada para nos salvar, a escola precisa dispôr das armas necessárias para a revolução. Desde Planos Políticos Pedagógicos, até a legislação e tudo o que nela se garante, a escola é a nossa aposta de que alguém estará conosco nas nossas batalhas. Nesta escrita, desejo e necessito apostar em uma escola violenta, transgressora, insubordinada, revolucionária e antidiscriminatória. E uma escola que é tudo isso, defende com veemente violência a delicadeza e peculiaridade de cada uma das vidas que perambulam salas de aulas e corredores.

A violência cria marcas, implica vidas, ela não é nunca um evento simples, é sempre complexa, multidimensional, e por isso requer cuidado. Desse modo, para que não se confundam com um embrutecimento, é preciso articular os processos de redistribuição da violência com outras formas de cuidado, partindo do princípio de que é tão fundamental abraçar a própria violência quanto tornar-se responsável por ela. (MOMBAÇA, 2021, p. 81)

A escola precisa ser violenta. Uma violência que coloca em xeque qualquer estrutura edificada. Uma violência que devolva do mesmo jeito estarecedor tudo que as crianças queers receberam durante suas vidas inteiras. Só ocorre transformação quando somos

violentamente atingidos. Ensinar é violento. Aprender é violento. Pensar é violento. Lembro até hoje do dia em que eu finalmente aprendi raiz quadrada, e poucas coisas na escola foram tão violentas quanto aprender aquilo.

Somente uma escola que violentamente transforma morte em vida, tem a capacidade de reestruturar a instituição educação: tirá-la do seu papel de aniquiladora, e construí-la em um novo formato: mais livre, amoroso, alegre, conflituoso sim, mas sempre entendendo os conflitos como fundamentais para essa reestruturação. Queremos que a escola faça parte das instituições que salvam, ainda que para isso, ela necessite passar por reformulações, desconstruções e reconstruções. Não cabe mais à escola o papel de nos matar, é nela a esperança de um pouco de salvação. Não para irmos para o céu, mas para vivermos.

É uma trajetória de estudos e desenvolvimento de práticas pedagógicas que estamos realizando desde o ano de 2015. Afinal, frente aos altos índices de desigualdade social, violência e expressões de machismo, consideramos de suma importância sustentar ter no nosso PPP as discussões acerca das relações de gênero, étnico-raciais, consumo educação sexual. Sendo assim, desde a filosofia do PPP já temos tais temas abordados, com o objetivo de subsidiar nosso trabalho (PROFESSORX PARTICIPANTE).

Um Plano Político Pedagógico, é óbvio, precisa ser pensando e repensado constantemente, assim como a vida. A vida dentro e fora da escola não é diferente, ela acontece e é atravessada e subjetivada por insituições, política, mídia, e todas as formas de controle. A escola, que faz parte de quase todas as vidas, com ênfase no quase pois algumas vidas não conseguem frequentar à escola por não sentir que a escola faz parte desta vida, precisa rever constantemente as formas de bancar a vida.

“A diferença é mais da ordem da anomalia que da anormalidade: mais do que um desvio da norma, a diferença é um movimento sem lei” (SILVA, 2002, p. 66). Sobreviver é o crime. Nos matar é a lei. Neste movimento sem lei que a diferença caminha, esperamos que a revisão de Planos Políticos Pedagógicos, de práticas e materiais pedagógicos, de discursos e de amarração de subjetividades, seja realizada muitas vezes, todos os dias, quiçá, todos os minutos. Estar na escola e buscar fazer dela uma (das) instituição que aposta em um movimento sem lei de produção da diferença, sendo uma instituição que salva, é precisar constantemente buscar os sentidos e os não sentidos do ato de educar.

É dever de quem educa, operacionalizar uma postura teórico-crítica a respeito dos seus discursos e práticas, que balizam uma forma de estar no mundo, e que muitas vezes, é como um processo de auto e hetero identificação para crianças e adolescentes. Como estar na escola se eu não me identifico com ninguém naquele lugar? As paredes pichadas, os muros desenhados, as frases nas paredes, a linguagem corporal acolhedora. Tudo isso faz ou não da escola uma instituição que salva. Por isso eu insisto: não basta investir em pedagogias, é necessário investir nas pessoas e nas paredes.

Aumentar a capacidade de viver na escola, parece então ser tão, ou até mais importante, do que aumentar a capacidade do saber. Saber e conseguir viver neste mundo que não nos ensina nada sobre isso, e que ao mesmo tempo, tenta nos abater o tempo todo. “Os professores que abraçam o desafio da autoatualização serão mais capazes de criar práticas pedagógicas que envolvam os alunos, proporcionando-lhes maneiras de saber que aumentem sua capacidade de viver profunda e plenamente” (hooks, 2017, p. 36).

Parece que autoatualizar significa que estejam todos e todas desatualizados. E mesmo que estejamos, quando digo da autoatualização, penso mais em autoreflexão. Reflexão das próprias práticas como pré-requisito para estar dentro da escola. Mudar a ideia, trocar a rota, conhecer novos caminhos, produzir o novo. Até que se desconstrua o mundo dado e se reconstrua o mundo novo, e por consequência óbvia, a escola nova. Entregar-se a radicalidade do imprevisível que é estar na escola e aprender novas formas de estar no mundo.

Na radicalidade da dúvida, que em nenhuma possibilidade deve chegar a certeza, questionar os métodos. Um questionamento constante, que obviamente incomoda e nem sequer deixa acomodar para posteriormente pensar em desacomodar. Uma escola querer é muito além da transgressão, mas é o constante inconstante. A dúvida como natural, um movimento sempre no sentido anti-horário, de ir contra este tempo ortodoxo e perverso que se impõe como a fonte do nosso esgotamento.

Ainda importante, preciso frisar que não pretendo sobrecarregar a escola, mas talvez até, colocá-la em um lugar de ser mais leve, menos sólido, menos rígido, por que não? Fica certo que colocar somente na educação o fardo de salvar o mundo é injusto e não funciona. Talvez seja mais possível atribuir a ela a possibilidade de salvar alguém. Nesse sentido, micropoliticamente, a escola pode produzir a dúvida radical como estratégia de

salvamento. Isso não se faz sem diálogo, sem espaço, sem coragem, sem transgressão. “Refletir e contemplar estes aspectos. Garantir o diálogo. Valorizar e fortalecer as relações. Ampliar as formações continuadas dos professores. Valorizar a oralidade e o diálogo dentro e fora da escola” (PROFESSORX PARTICIPANTE).

O conhecimento e o pensamento, a subjetividade e a subjetivação, o poder e a força, são questões fundamentais a serem consideradas na curricularização e por consequência, nas práticas pedagógicas, na vida no território escolar, de modo a levar tais temas como base para Planos Políticos Pedagógicos e também como inspiração para teorizações a respeito do tema (Gandim, Paraskeva; Hypolito, 2002).

Questões que apontam possibilidades de dúvida. Que inevitavelmente provocam os incômodos, as mordidas atravessadas nas já um pouco machucadas corpas das pedagogias. Não há mais como seguir sem tais mordidas, dolorosas e que ficam abertas, que não cicatrizam rapidamente. Pensar a relação entre o pensamento e o conhecimento, a subjetividade e o poder das instituições que subjetivam diretamente tanto os modos de ensinar quanto os de produção do conhecimento é fundamental para uma escola queer, aquela que pode, não sozinha, mas ainda assim pode, salvar.

Com a coragem da força, a radicalidade da dúvida e a violência da delicadeza, tornar a escola o território do tornar-se. Como pistas possíveis, o diálogo, a manutenção da dúvida, a sustentação da diferença, o aprender do sentir, o palavrear do sofrer, a leitura dos corpos e corpas e a concretude das fantasias. Uma escola que não se rende à dureza dos muros concretados, mas que enxerga a vida nas flores que nascem ali no meio, nas frestras do concreto. Uma escola que deslize, contra as marés, que reme e que também se deixe levar, flutando sobre fracassos, histórias e produções de vida, e construindo com e por meio disso, outras formas de ensinar, aprender e viver.

Capítulo/artigo/corpo 4

5. Considerações finais fracassadas

Este é o fim. Ou o começo. Ainda não sei. Depende do quanto ainda sobrou de mim e de todas as vidas queers neste país, após alguns anos de aniquilação, tentativa da nossa extinção, e mais recentemente, a (im) produção desta escrita. Pode ser o fim porque acredito que só com o fim de um mundo - deste mundo assim em que vivemos por tanto tempo - é que se pode criar algo novo. Mas também pode ser o início deste algo novo, por que na radicalidade do impossível, sinto que estamos mais vivxs do que nunca. Sem garantias, sendo um fim ou um início, a escrita até aqui não é o resultado, mas um fazer parte. De quem faz parte desta história, de quem sente, chora, vive e morre a cada novo capítulo, de quem perde e recupera partes de um corpo execrado e esquartejado na infância, e agora quem sabe, costurado pouco a pouco.

Como anunciei no início desta escrita, já antevendo minhas impossibilidades, meus limites humanos e minhas incapacidades terrenas, não encontrei soluções para o problema desta pesquisa. Contudo, mexi na ferida do extermínio das crianças queers. Revirei, chafurdei e escancarei a moléstia para todxs aquelxs que se atreveram a olhar para ela. Deixei abertas as chagas do infanticídio queer, da destruição maciça da multiplicidade radical da vida e da essência anárquica infantil. Abertas como as chagas de um Cristo pregado na cruz, embora o natal, tempo em que escrevo, tenha o tom da celebração do nascimento, as chagas chancelam a morte.

Morte que acomete diariamente a capacidade infantil de encantamento com os absurdos, a plasticidade existencial que alarga fronteiras, brinca com elas, a ausência de formas estáticas, e os encaixes imperfeitos que ostentam as crianças. Matamos até que se pareçam com eles, adultos formatados. Matamos por vingança, vaidade ou escárnio. O ousado e presunçoso desejo inato dessa pesquisa, sempre foi o de salvar essas vidas.

Por avisar ser uma escrita triste e pessimista, não me sentiria frustrando quem me lê ao terminar assim. Entretanto, um escape de vida vem me molestando ultimamente: é aquela vida radical, que insiste em vagalumizar-se, mesmo quando pensamos apenas conseguir escancarar o problema. Vagalume que tornei-me, não percebo esta escrita apenas como veias e feridas abertas, muito menos como a pele que vai cobrir tudo isto.

Percebo, ainda que com modéstia, uma escrita que aponta novas feridas, em outras e novas pessoas, e que deixa que tais feridas doam, para redistribuir algumas dores, que quando sentidas, podem produzir outras vidas, impossíveis até então.

Não concluo aqui muitas coisas, a não ser tudo que acima escrevi. E mesmo que não sejam conclusões, essas palavras são a confirmação de que ainda estamos vivos, e de que temos força para nos manter assim. Usaremos da violência da vida e do amor para produzir a nossa vida, a mesma violência que usam para nos matar, é desta que insurge os crimes hediondos que são as nossas sobrevivências.

Desde a fracassada corpa um, até esta sem sucesso corpa final, compreendi e senti que enquanto vivermos para escrever a nossa vida, existiremos. E enquanto pudermos inventar outras vidas, novas pessoas, outras histórias, muitos jeitos de estar nesse mundo e em outros que ainda podem criar-se, não nos matarão. Retomo a delicada e avassaladora importância e impotência de cada capítulo/carta/corpa para compreender a dimensão extensa de um corpo queer, desde a cabeça até os pés. E mesmo que não nesta ordem, um corpo é sempre um corpo: cheio de afetamentos, reverberações, membros, conexões.

Entendo que esta escrita veio para tal. Afetar e reverberar transbordando as bordas de um corpo, da academia, da educação, da escola, da religião, da mídia, deste mundo. Um mundo que se faz à nossa revelia, que perpetua a nossa imoralidade, e quiçá, imortalidade, e que por isto mesmo, nos ensina a insurgir, transgredir, viver transgredindo. Somos cada florzinha que nasce, violentamente, na dureza do asfalto. Um mundo que nos acusa de muitas coisas, e que por isso mesmo, nos faz sê-las. Um mundo que justamente por não nos suportar, nos transforma em merdas sagradas.

O fôlego que me falta aqui já não é mais o fôlego que me faltava no começo: ele é um fôlego de quem fez a travessia, e por isso, cansou. Cansou a exaustão dxs atravessadx, dxs desenquadradx, dos que nasceram para cansar. Atravessei e ainda atravesso esta escrita com um barco sempre em movimento, ora sendo levado pelas correntezas, ora remando com seus próprios remos. O mar, que sempre me inspirou e inspira, agora já não me parece mais tão grande, ou talvez, eu não me sinta mais tão pequena dentro dele. Sinto que mesmo enorme, sou capaz de reconhecer-me ainda em cada uma das suas marolas e tsunamis.

Desejaria que todas as crianças queers fossem afetadas por esta escrita, direta e indiretamente. Por meio da leitura destas palavras, gostaria que equipes pedagógicas, professoras, professores, diretores, diretoras, todxs que de alguma maneira fazem parte da grande máquina educação, pudessem investir suas libidos em salvar alguém. Gostaria que com alguns botes, entrassem também neste mar que nem sempre está cristalino, quentinho e convidativo, e que passa por tormentas e ressacas, mas que como a vida, muda, resiste, produz e reproduz. Um mar que tira, que devolve, que é movimento, e que não precisa ser domado, e algumas vezes nem mesmo compreendido, mas que carrega partes de nossos corpos, de nossas vidas, experiências, afetamentos, sagrados e não sagrados.

Que seja o mar a metáfora da escola das crianças queers, a escola que eu desejo para essas crianças, e que sempre desejei para mim: transgressora, e por isso mesmo, acolhedora. Que exatamente com a mesma radicalidade do mar, esta escola não abra mão do imprevisível, do improvável, da contracorrente, do indomável, das baixas e altas marés. Que seja afogamentos e suspiros, salvamentos e abandonos, e que haja sempre bóias salva-vidas penduradas nas paredes das escolas.

Quanto a mim, não sei se quitei dívidas, ou se arrumei algumas outras. Comigo, talvez tenha arranjado algumas outras, (in)constantemente incomodações que me cercam e que por isso mesmo, produzem e me produzem. Penso que tenha deixado ainda muitas veias abertas, em mim, na escrita, e na pesquisa, por gostar do entre, do meio e das não respostas, mas também, por identificar aí a existência de um trabalho queer, membro a membro deste corpo costurado, não exatamente em ordem ou na parte condizente.

Este afinal, não é um trabalho que condiz. É muito mais um trabalho que contradiz. Escrito para incomodar, não gostaria que ele fosse atribuído ou comparado a nenhum manual de produção da vida queer, afinal, teria absolutamente perdido a essência queer: radicalmente contra a captura das subjetividades.

Contradizendo a mim mesma, ao que se propõe esta escrita e à não homogeneização das vidas, das escritas e das subjetividades, em uma derradeira cena, atrevo-me a um perigoso ato: escrevo uma carta aberta às crianças queers, às monstruosidades inocentes que habitam este mundo, às que um dia nascerão, e às muitas, que já morreram, e repousam - duvido que em paz - sepultadas em vidas adultas.

5.1 Carta Aberta às Crianças Queers

Querida fracassada criança,

Em primeiro - ou em último - lugar, que honra e privilégio - ou novamente um fracasso - escrever para você. Desejaria, com todas as minhas forças, ter lido esta carta assim que fui alfabetizada no mundo das letras. É 25 de Dezembro de 2022, domingo a noite, noite de natal. Escrevo essas palavras no auge dos meus trinta anos de idade, depois de ter passado o natal com a minha família toda reunida, inclusive com a minha namorada.

Passei muitos natais da minha infância rezando - minha família ensinava suas crianças a rezarem - secretamente e baixinho para que algum dia na vida eu pudesse sentir como era beijar uma menina que eu realmente gostasse. Vinte anos depois eu passo o natal não apenas beijando essa menina, mas com ela participando do famigerado amigo secreto de natal da minha família.

Não venho para dizer que sou privilegiada, isso já sabemos. No país que mais mata a comunidade LGBTQIA+ no mundo, o privilégio de estar viva, amando e em família é da ordem do indescritível, mas venho pra dizer que não desistam. Não desistam de si, das suas próprias existências, não desistam dos natais - esse natal que pode simplesmente significar o nascimento de alguém, que pode até ser você mesmo - não desistam da possibilidade das rachaduras, dos fracassos, das lacunas, de reduzir danos, de uma educação antidiscriminatória, da transgressão, da força violenta que é por si, a nossa existência.

Quando criança, assim de pouca idade mas de muita culpa, desejei morrer algumas vezes. Depois entendi que na verdade eu não queria morrer, só não queria precisar viver mais daquele jeito. Tive muito medo de estar errada, de estar doente, de ir pro inferno. E demorou bastante tempo até o inferno passar. Já adulta, meu país tem passado por momentos históricos infernais, e eu tive medo de o inferno voltar para mim. E para muitas como eu.

Ainda que feliz com os rumos que tem tomado o país, sinto resquícios de um período doloroso, perverso e profundamente amedrontador. Este período decorreu nos últimos quatro anos, e muitas vezes remeteu-me diretamente à minha infância: desesperançosa, perversa, controladora, culposa. Não quero aqui novamente ser triste e pessimista, ou pior,

derramar lágrimas sobre o que muito já molhei. Ao contrário, quero aqui dizer que mesmo onde nada mais é flor, tudo é pedra, ainda aí nasce a nossa envergadura.

Fantaseiei, creio que além da conta, as (im)possibilidades de vida para mim. E muitas vezes, vivi na fantasia a única certeza de ser eu. Por aprender a viver na fantasia, desistia de viver em realidade. Abraçava a culpa e sufocava o desejo e a vida latente. Introspectiva, fui uma ótima aluna. Não conversava, não sorria, copiava tudo e lia muito. Meu delírio era a experiência real de jogar futebol com os meninos na educação física, sempre me deslocando desta posição de ser uma menina como as outras.

Nunca fui essa menina: como as outras. Mas eu também não poderia ser outras em mim. Então, eu não era ninguém. Sem a perspectiva de um futuro desejante ou de vida honesta, me tornei um sucesso: notas excelentes, heterossexual, bom trabalho, bom salário, católica, bixo no vestibular de Psicologia. Logo depois a universidade, amigas, professoras. Criei coragem, chutei as portas, chutei a mim mesma, abracei ainda mais as muitas culpas. Fracassei: mulher lésbica, psicóloga, bolsista capes, pesquisadora, defensora do SUS, militante. Uma verdadeira fracassada eu sou hoje.

O fato é que eu cresci, me tornei esta adulta que não descansa em paz. Me livrei do inferno e da insalubridade dos armários. E sinto por isso tudo ter acontecido de uma maneira tão traumatizante, dolorosa e duradoura. Não queria ter passado mais da metade da minha vida com falta de ar. E é por e para isso, que me arrisco a ser cartesiana demais nesta carta. Tenho medo ainda, de que muitas não saibam para que lado é a saída, com que tipo de força se chuta a porta, com que tipo de faca se abre a cortina. Ainda que não posso estar nas esquinas sinalizando as direções (in)corretas, eu gostaria de estar junto na estrada, no percurso. Neste percurso onde não existe nenhuma possibilidade de GPS, mas que ainda assim, faz-se um caminho. E é a isso que se lança esta carta: um estar junto, fazer parte.

Para você que está chegando agora na vida, na família, na escola, na igreja, me surpreendo e ao mesmo tempo, arrisco, na tentativa arditosa, fantasiosa, arriscada e encantadora, mas nem por isso desonesta, de tentar descrever-lhe de maneira sucinta e preocupada, pequenas pistas para que suportes, não sem dor, nem sem medo, nem sem dúvida, mas com desejo, a dor e a delícia de ser quem és. Aí vão as minhas nada cartesianas, mas sim cartografadas pelo meu afeto queer, pistas:

Prepare-se para morrer. Você morrerá muitas vezes, em vida, antes mesmo da derradeira hora chegar. A morte para ti, está anunciada. Seu ser infante, necessitado de proteção e acolhimento, sôfrego, na busca por significação de sua complexa existência, será aniquilado pelo desencantamento dos adultos, pelas dores mal curadas das crianças queers que um dia foram, e que não sobreviveram às tantas mortes a que foram submetidas. É possível que a bala invisível, mas altamente letal, que te atinjas, seja lançada dos colos, e dos olhares onde buscas proteção. Pais, mães, famílias, professores. Todos capazes de matar-te.

Não te apavores, existem outros jeitos de ser filhx, alunx, de ser família. Filhxs não se fazem nem com sangue, nem com leite, podem também ser feitos no circo, na poesia, e no roubo.¹⁵ Existem outros níveis de vínculo. Vínculos que se constituem pelos afetos. Afetarás e serás afetado, sem mesmo que percebas. E esses afetamentos te conduzirão ao caminho de aprender a renascer. A grande tarefa que terás de aprender, será a de renascer. Busque aprender a refazer-se, e muitas vezes, refazer todos os teus vínculos mais próximos. Isso lhe será bastante útil.

Busque também os coletivos, busque pares, trios, grupos. Busque lugares onde possas ser em coletividade. Eu sei, vai parecer que eles não existem, mas tu os acharás. Às vezes distantes, caminharás léguas sem fim, terás alucinações e miragens de oásis, terás frustrações, vontade de chorar e de não mais existir ao dar-se conta de que tudo não passou de uma cretina produção da tua mente. Chore então, deixe de existir por alguns instantes, depois retome a caminhada. Com as lágrimas derramadas, o peso torna-se menor, é possível caminhar novamente. Caminhe com firmeza, até que teus passos, repercutam no chão árido, e criem brechas, frestas, rachaduras. Destes vãos é que surgirão novos possíveis.

Busque por bibliotecas, onde possas te enfiar em livros, engolir palavras como se fossem pílulas que aliviassem tuas dores, fugir da realidade que te oprime. Apegue-se em melodias, letras, canções. Ouça-as repetidamente, finja que estás por elas hipnotizada, e que quando acordares da hipnose, boa parte das tuas dores terão sido apagadas de tua memória. Busque diminuir as tuas dores. Busque versos onde possas velejar, onde possas

¹⁵ Alusivo à crônica: Filiação e amor bicha segundo Jean Genet, de Paul B. Preciado.

fluir, ser água, onde possas ter teu próprio mar, onde possas ser o teu próprio mar, afogar-te, e a ti mesma salvar.

Aprenda a conviver solenemente com o pessimismo e a tristeza. Encoraje a sua tristeza, ela é tua forma de discordar da vida. Tenha como meta de vida o fracasso, assim terás tempo para recuperar-se das mortes, ao invés de tentar o sucesso, e ser devorada por ele. Some os teus fracassos, junte-os, como se junta pedrinhas em um fio para compor um ornamento. Observe as cores, as texturas, faça combinações de seus fracassos, pendure-os ao pescoço, exiba, e acredite, há força, revolução e vida em todos eles.

Deseje, mas deseje com força, o que bem lhe apraz desejar. Os quereres irão te manter aquecida, quando não houver mais calor. Alimente os seus desejos, com parcimônia e uma boa dose de emoção, uma loucura far-se-á necessária. Deseje de maneira esquizofrênica, sem contorno, sem borda. Permita-se. E descubra aí o que é estar viva.

Estude, conheça, aprenda, isso vai te manter viva. Fuja deste mundo para outros, habite outras terras, o conhecimento pode ser o portal quântico, para que acesse realidades paralelas. O desejo insano de saber o que ainda não sabes, de conhecer o diferente do que já conheces, e o gozo de desvendar os mistérios da vida, por mais insignificantes que pareçam, manterá suas pequeninas luzes bruxuleantes acesas, a iluminar vagarosamente os devires vagalumes.

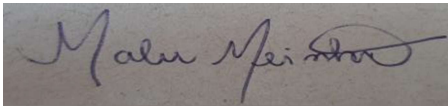
Aposte na tua escola como possibilidade de te mostrar o que ainda não viu, aposte na tua escola como um portal para um novo mundo, possível e feito para todos. A escola pode ser um lugar curioso onde coisas extraordinárias acontecem. Aposte na tua escola como um inferno particular, onde tu não precisas preocupar-se em ressuscitar. Aposte, faça e peça que a tua escola seja o vagalume que ilumina todas as tuas noites, todas as tuas insónias, todos os breus que tu já passaste, e que mesmo assim, insistiram em te fazer ver uma luz no fim deste túnel, luz que quase sempre, era tu mesma, como um pequeno grande vagalume que, contra a grande escuridão da noite, produz a sua própria luz como a única forma de se ver no mundo.

Quem vos fala, foi e quem sabe ainda é uma criança queer, que teve suas mortes anunciadas e consumadas, mas aprendeu a renascer, encontrou no conhecimento a brecha

para um novo possível, no amor um antídoto para os venenos mais mortais, e no coletivo a força-esperança para caminhar, e no desejo a única forma de estar viva.

Esta carta, talvez em um tom manualístico, é a prova de que contradizer-se é necessário. Eu, que não prometo fórmulas nem receitas, agora prescrevo em pistas, formas de insurgir e radicalizar a vida. Espero que me contradigam. E me digam, mais uma vez, fracassada.

Com radical amor,

A rectangular image showing a handwritten signature in dark ink on a light-colored background. The signature is written in a cursive, flowing style and appears to read "Malu Meirelles".

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. Pólen Produção Editorial Ltda, 2019.
- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION et al. **DSM-5: Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. Artmed Editora, 2014
- ARENDDT, Hannah. **Crises da República**. Tradução de José Volkmann. São Paulo: Perspectiva, 1973.
- BHABHA, Homi. O entrelugar das culturas. **O bazar global e o clube dos cavalheiros ingleses**. Org. de Eduardo Coutinho. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.
- BRUM, Eliane. Exaustos-e-correndo-e-dopados. **El país Brasil, São Paulo**, v. 4, 2016.
- BRUM, Eliane. **A menina quebrada: e outras colunas de Eliane Brum**. Arquipelago Editorial Ltda, 2016.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução: Maria Helena Kühner. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia**. Tradução de C. Rodrigues. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira. 2018.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. Sobrevivência dos vaga-lumes. **Belo Horizonte: Editora UFMG**, v. 119, 2011.
- DOS SANTOS, Jose Luiz. **O que é cultura**. Brasiliense, 2017.
- FAVERO, Sofia Ricardo. Pesquisando a dor do outro: os efeitos políticos de uma escrita situada. **Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais**, v. 15, n. 3, p. 1-16, 2020.
- FAVERO, Sofia Ricardo; MACHADO, Paula Sandrine. Diagnósticos benevolentes na infância: crianças trans e a suposta necessidade de um tratamento precoce. **Revista Docência e Cibercultura**, v. 3, n. 1, p. 102-126, 2019.
- FAVERO, Sofia Ricardo. (Des) epistemologizar a clínica: o reconhecimento de uma ciência guiada pelo pensamento cisgênero. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica**, v. 5, n. 13, p. 403-418, 2020.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**. 6.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985. V. 1. A vontade de saber.

_____. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 5.ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

_____. **A ordem do discurso**. 6.ed. São Paulo: Loyola, 1996.

GANDIN, Luís Armando; PARASKEVA, João M.; HYPOLITO, Álvaro Moreira. Mapeando a [complexa] produção teórica educacional–Entrevista com Tomaz Tadeu da Silva. **Currículo sem fronteiras**, v. 2, n. 1, p. 5-14, 2002.

GALÁN, J. I. P. (2009). **Entender la diversidad familiar: relaciones homosexuales y nuevos modelos de familia**. Barcelona: Bellaterra.

GALEANO, Eduardo. O livro dos abraços 9. ed. **Porto Alegre: L&PM**, 2002.

HALBERSTAM, Jack. **A arte queer do fracasso**. trad. Bhuvi Libanio. Recife: Cepe, 2020.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Tradução: Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora Martins Fontes. 2017. 283p.

LARAIA, Roque de Barros. Cultura: um conceito antropológico, 21º edição. **Rio de Janeiro**, 2007.

LORDE, Audre. Scratching the surface: Some notes on barriers to women and loving. **The Black Scholar**, v. 9, n. 7, p. 31-35, 1978.

LOURO, Guacira Lopes. Educação e docência: diversidade, gênero e sexualidade. **Formação Docente–Revista Brasileira de Pesquisa sobre Formação de Professores**, v. 3, n. 4, p. 62-70, 2011

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Petrópolis: vozes, 1997.

MOIRA, Amara et al. **Vidas trans: a coragem de existir**. Editora Alto Astral Ltda, 2017.

MADEIRA, Carla. **A natureza da mordida**. Editora Record. Rio de Janeiro, 2022.

MOMBAÇA, Jota. **Não vão nos matar agora**. Editora Cobogó, 2021.

PELBART, P. P. Elementos para uma cartografia da grupalidade. In: SAADI, F; GARCIA, S. (Orgs.). **Próximo ato: Questões da Teatralidade Contemporânea**. São Paulo: Itáu Cultural, 2008, p. 33-37.

PRECIADO, Beatriz; NOGUEIRA, Fernanda Ferreira Marcondes. Quem defende a criança queer?. **Jangada: crítica| literatura| artes**, n. 1, p. 96-99, 2013.

PRECIADO, Paul B. **Um apartamento em Urano: crônicas da travessia**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2020

POLESSO, Natália Borges. **Amora**. Editora Dublinense, 2016.

POLESSO, Natalia Borges. **Controle**. Companhia das Letras, 2019.

RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. **Bagoas-Estudos gays: gêneros e sexualidades**, v. 4, n. 05, 2010.

ROLNIK, Suely. **Esferas da insurreição: notas para uma vida não cafetinada**. n-1 edições, 2019.

ROLNIK, Suely. Pensamento, corpo e devir: uma perspectiva ético/estético/política no trabalho acadêmico. **Cadernos de subjetividade**, v. 1, n. 2, p. 241-251, 1993.

SCOTT, P. (2005). Gênero, família e comunidades: observações e aportes teóricos sobre o Programa Saúde da Família. In S. Monteiro, & W. Vilela (Orgs.), **Gênero e saúde: Programa Saúde da Família em questão** (pp. 75-100). São Paulo, SP: Abrasco.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Identidade e diferença: impertinências. **Educação & Sociedade**, v. 23, p. 65-66, 2002.

SWAIN, Tania Navarro. Feminismo e lesbianismo: quais os desafios? **Labrys: Estudos Feministas**. [S.l.], n.1-2, jul./dez.2002. Disponível em: <http://www.unb.br/ih/his/gefem/labrys1_2/index.html> Acesso em 13 de dezembro de 2022.

SAVIN-WILLIAMS, Ritch. **Mom, dad. I'm gay**. How families negotiate coming out. Washington, DC: American Psychological Association, 2001.

SEVILLA, G. G.; SEFFNER, F. V. GÊNERO E SEXUALIDADE NAS AULAS DE SOCIOLOGIA: DESAFIOS DO NOVO CONTEXTO BRASILEIRO. V **Seminário Internacional Enlaçando Sexualidades**, v. 1, p. 1-10, 2017.

TENÓRIO, Jeferson. O beijo na parede. **Porto Alegre: Sulina**, 2013.